

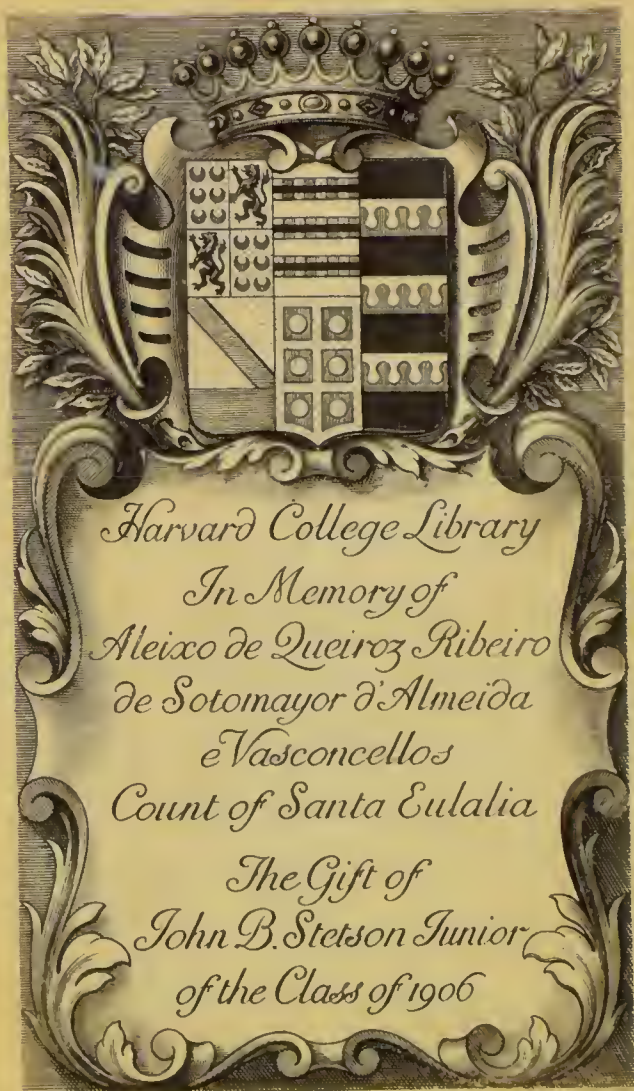
ELYSIO de CARVALHO



FIVE
o'
CLOCK

H. GARNIER,

SAL 9151.90.110



FIVE O'CLOCK

OBRAS DO MESMO AUTOR :

| | | |
|--|-------------|------|
| <i>Ballada do Enforcado</i> | (esgotada) | 1899 |
| <i>Alma Antiga, contos</i> | (») | 1900 |
| <i>Horas de Febre, versos</i> | (») | 1900 |
| <i>Poemas de Wilde</i> | (») | 1900 |
| <i>Delenda Carthago, manifesto litterario</i> ... | (») | 1904 |
| <i>Historia de um cerebro, autobiographia</i> | | 1905 |
| <i>Ruben Dario, estudo critico</i> | (esgotada) | 1906 |
| <i>As modernas correntes estheticas</i> | | 1908 |
| <i>Barbaros e Europeus, critica philosophica</i> | | 1909 |
| <i>Five o'clock, chronica mundana</i> | | 1909 |
| <i>Odor di femina, sybaritismo e mundanismo</i> | | 1909 |
| <i>Raça, cultura e civilização brasileira</i> | á publicar. | |
| <i>Pea-Bridge, historia mundana</i> | | |



ELYSIO DE CARVALHO

FIVE O'CLOCK

H. GARNIER, LIVREIRO-EDITOR

109, RUE DO OUVIDOR, 109
RIO DE JANEIRO

6, RUE DES SAINTS-PÈRES, 6
PARIS

1909

SAL 9151.90.110

✓

HARVARD COLLEGE LIBRARY
COUNT OF SANTA EULALIA
COLLECTION

GIFT OF

JOHN B. STETSON, Jr.

Apr. 6, 1923

A PAULO BARRETO,

o artista bizarro, atormentado e scintillante, admiravel como Jean Lorrain e paradoxal como Oscar Wilde, — seus mestres, voluptuoso, requintado, perturbante e decadente, nostalgico como um lyrico e impulsivo como um barbaro, ao mesmo tempo mystico como Verlaine e pagão como d'Annunzio, a imaginação fulgurante ávida sempre das sensações do raro e do imprevisto, que se tornou o historiographo extranho da alma encantadora das ruas, o melancholico analysta da escola dos vicios, o psychologo subtil, e ás vezes cruel, das religiões, das crenças e dos cultos da nossa cidade, o chronista elegante, e o mais singular, das luxurias, das perversões, das vesanias, das sensualidades, das bizzarras inconfessaveis e das grotescas vaidades da nossa gente, pertence este livro onde reuni as paginas mais pessoaes, mais sentidas, mais vividas que tenho composto, onde verti muitas illusões, muitas amarguras, muitas melancholías e poucos odios, onde derramei a essencia dos meus nervos vibrantes, enfermos, exacerbados e afinados, um livro escrito com o sangue do meu espirito e com a alma da minha carne.

ELYSIO DE CARVALHO.

Rio-Petropolis, 190...



FIVE O'CLOCK

Terça-feira, 8.

As minhas visões têm a côr do amargurado. A paysagem está impregnada daquella tristeza infinita que paira no jardim de Elseneur, povoado de sonhos desfeitos e desgraças funestas, velho parque abandonado por onde ainda hoje erra o espectro do principe infeliz. As cousas se me apresentam vagas, incoerciveis, e tomam fórmãs extravagantes. Ha em todo o ambiente uma calma profunda, um fundo mysterio, uma paz mortuaria : o silencio conspira. As arvores, altas e possantes, parecem, dentro da escuridão da noite, uma immensa legião de demonios, em pompa feral, e apavoram-me. Não tenho tranquillidade, dentro do meu cerebro desencadea-se uma violenta tempestade, a fébre escalda-me o sangue, sinto os nervos irritados, afinados, exacerbados. Atravéz deste delirio morbido, embriaga-me o perfume de flôres suspeitas, offuscam-me reflexos de espelhos tenebrosos, perturbam-me desejos bizarros, vejo imperios em agonia, cidades de oiro fluctuando em crepusculos barbaros, populações de androgynos e de hermaphroditas em exodo, satyros

persiguinto nymphas ensanguentadas, esphyn-
ges com olhos de esmeralda. Sou um galé dessa
atróz enfermidade que dissolveu tantas almas
nobres, com um nojo immenso de tudo, um
grande desprezo pela vida e até pela propria
arte, como se sentisse n'alma a vacuidade de
ser, de existir e de aspirar. Neste doloroso silen-
cio nocturno, em que tudo se confunde em meu
ser, o passado com seus encantos e o presente
com seus tristes presentimentos, Gustavo d'Agui-
lar, desfeito e pallido, na gravidade consciente
deste dia de desastres e irresoluções, apparece-me
para annunciar a grande desgraça. Sydonia par-
tira, sem uma palavra e sem uma promessa,
quasi á traição, e esta noticia, semelhante a uma
tempestade violenta, feroz e inesperada, tudo
destruiu em mim, as minhas illusões e os meus
projectos de felicidade, e deixa-me na desolação
tragica das ruinas irreparaveis. A maneira dessas
molestias contagiosas, ha revelações e contactos
que, uma vez entrevistos e sentidos, bastam
para envenenar uma existencia inteira para todo
o sempre.

... La beauté, c'est le philtre inconnu
Souverain et vainqueur qui corrompt tout au monde,

disse o poeta, e estou quasi a crer. Sydonia veio
mudar totalmente a minha vida, e agora, que
vejo que a perdi, depois de me ter inflingido
uma licção dura e sem replica, não sei como
supportar esta dolorosa situação. Tenho a alma

desfeita por este amor insano... soffro tudo quanto se pode soffrer... e extenuado, inerte, sem forças, abatido como uma massa, apavora-me tudo que vai vir... Gustavo consola-me, chamando-me á realidade das cousas e fallando á minha dôr com palavras edificantes, sabias e sincéras : « Ha mistér, meu caro amigo, que tuas feridas se fechem e que tuas fraquezas adquiram um vigor masculino. Deves aceitar a vida tal qual ella nos parece ser, tal qual se mostra, tal qual é realmente : difficil, ardente, incoherente, cruel. Se a felicidade nos foge, inaccessible, é preciso, no emtanto, viver, o coração lépido, para crear, por uma dôce illusão, todas as puras e intactas sensações imprevistas. » Sobre mim, sinto o peso do meu destino, e minh'alma, vencida e lacerada, vai pela vida como que envolta numa fria mortalha, ululante, caminho do pranto e da dôr, mas sem maldizer o momento em que ella me revelou « o amor com seus peccados e a vida com seus crimes »... Não haverá sonho algum da intelligencia que desvaneca as longas torturas do meu coração. Nesta especie de loucura amorosa, sinto-me impotente para dominar-me, conciliar as minhas idéas e estabelecer a synthese dos meus sentimentos. A ausencia de Sydonia faz-me soffrer tanto que fico estupefacto com a agudez de minha dôr, na verdade, tão forte, que parece transformar-se num soffrimento physico, atroz e intoleravel. O coração dóe-me como se o comprimissem; as forças abandonam-me; a mente esváe-se como

flócos de néve dissolvidos pelo calor do sol; fôge-me o sentimento da realidade. Não tenho coragem de olhar-me interiormente, procurar conhecer exactamente o meu estado moral, tomar uma resolução verdadeiramente energica que ponha termo a este constrangimento. Só tenho um unico pensamento, um unico desejo, um unico proposito : partir, viajar, viver com fervor uma existencia de aventuras e de paixões, perder-me no desconhecido, mergulhar na energia dos povos jovens e na belleza das raças privilegiadas, na sublimidade dos instinctos pagãos.

Je veux oublier qui j'aime.
Emportez-moi loin d'ici,
En Flandre, en Norvège, en Bohême,
Si loin qu'en chemin reste mon souci.
Que restera-t-il de moi-même,
Quand, à l'oublier, j'aurai réussi?...

Attingi o extremo das minhas fraquezas, e, desfallecido de amor, sinto no meu intimo uma cousa obscura e ardente, uma cousa que se assemelha a uma infecção morbida, uma cousa que subsiste contra minha vontade e contra todo remedio, apesar de tudo e contra tudo, uma cousa que já me contaminou o sangue e o espirito. Nunca pensei que a seducção de uma mulher provocasse taes catastrophes na natureza moral de um homem cheio de todas as corrupções da arte. Para fugir a esta idéa fixa, escrevo, escrevo muito, procuro meditar sobre a solução de graves problemas abstractos, faço versos, e, em seguida,

leio, leio *D Quixote*, os contos drolaticos de Balzac, as historias diabolicas de Barbey d'Aurevilly, mas, fazendo tudo isto, só penso nella, em Sydonia, e esta obsessão cada vez mais me domina, me atormenta, me tortura sem descanso. Na verdade, o amor é a peor das loucuras.

Quinta-feira, 17.

Quando passarão estes dias de chuva e de *spleen*, dias sem luz e sem perfume, dias de lama e de fastio, dias dolorózos e aziágos? Ha uma semana que não saio, encarcerado entre os altos muros desta casa que em outros tempos fôra a morada de um principe ditoso, paredes onde ficaram, como pedaços de su'alma, as phrases que o amor lhe ia dictando nas horas de fèbre, onde sempre estarão, dizendo tudo no seu grande silencio, os seus retratos e os seus objectos de arte, paredes que guardarão para sempre os meus suspiros, as minhas afflicções e os meus sonhos, paredes que têm a côr da minha bemaventurança perdida. Lembro-a, e esta grande saudade anda-me agora no fundo d'alma como uma grande lenda de amor que quizera evocar para lhe dar de novo a vida da realidade. Torturada e inquieta, saudosa como os penitentes, minh'alma protesta contra a ausencia della. Não posso me conformar em

viver nesta casa desolada, em arrastar minha tristeza por estes jardins solitarios por onde ella outr'ora passeou sua belleza radiante, em dormir neste leito vasio, deserto, abandonado, viuvo de suas caricias, de seus beijos e de seus delirios. Atormentado profundamente por esta dolorosa obsessão que me arrasta até as lagrimas, procuro revel-a nos objectos que em tempo lhe pertenceram : porque ella deve ser a alma de cada um delles. Os marmores, os bronzes, os moveis que povoam esta solidão, surgem, no emtanto, entre mysteriosas penumbras, meditativos e mudos, sem responder ao meu desespero. Nesta angustia de peito, em que as proprias cousas parecem conspirar contra mim, recorro ás minhas leituras edificantes. Da estante retiro um livro, outro, mais outro, mas elles nada me dizem tambem, são para mim, neste momento, mudos como tumulos e vasionos como abysmos. Desolado e hirto de espanto, por não encontrar, apesar de tudo, cousa alguma que a pudesse resuscitar, impotente para recrear o passado e eternisar nelle e fóra delle os minutos fugitivos do nosso grande amor, maldigo a indifferença reinante, a monotonia do tempo, a expressão annuviada da luz do dia. De subito, ao folhear um livro de Henri de Régnier, sinto a presença della, erguendo-se, caminhando para mim, repousando a sua cabecinha loira sobre meu hombro : é que das paginas abertas se escapa evocando-a, seu penetrante perfume, mais tenue e mais subtil que o pensamento das palavras

impressas. Impossível dizer tudo quanto neste momento sinto : aspirando o suavissimo aroma, quer parecer-me que todo meu ser se renova numa extranha resurreição, que do fundo de minh'alma uma outra alma resurge, victoriosa e alacre : o passado falla em sonho á minha tristeza... Mas não durou muito essa sensação infavelque fazia, para mim, nestes curtos instantes, um longo e delicioso sonho. A brisa que lá fóra soprava, irreverente e cruel, fez evaporar-se o aroma nostalgico do livro querido que inutilmente reclamava seus olhos e tristemente implorava suas mãos languidas de marquezia. Agora, ao ver perdida para sempre a essencia intangivel, sinto-me duas vezes só, e ouço a voz do poeta que me segreda aos ouvidos :

Ne cherche pas non plus à vouloir retenir
Longtemps dans ta pensée et dans ton souvenir
L'image exacte encor des lèvres fugitives
Dont tu sens à jamais que ta bouche fut ivre...

Segunda-feira, 28.

Dia a dia, hora a hora, sem treguas, contra a minha vontade e contra toda a resistencia que lhe oppunha, Sydonia conquistara minha intelligencia e meu coração. Soffrendo agora o mal de amor perdido, sinto uma necessidade desenfreada de escravidão, um desejo violento

de dar-me todo inteiro, uma grande ancia de ser possuido e dissolver-me na vontade de outro ser. Numa infinita prostração, todo impregnado da magia do amor, como sob a acção de um poderoso veneno, sem remedio, nada me dá uma hora, um minuto, um instante sequer de esquecimento. Sob a suggestão deste fim de dia, fugindo de mim mesmo, leio Regnier, o poeta muito amado, cuja nobre musa falla sempre áquella tristeza ignota que existe no fundo da humanidade.

Je ne veux de personne auprès de ma tristesse,
Ni même ton cher pas et ton visage aimé
Et ta main indolente et qui d'un doigt caresse
Le ruban paresseux et le livre fermé.

Laissez-moi. Que ma porte aujourd'hui reste close;
N'ouvrez pas ma fenêtre au vent frais du matin;
Mon cœur est aujourd'hui misérable et morose
Et tout me paraît sombre et tout me semble vain,

Car ma tristesse vient de plus loin que moi-même,
Elle m'est étrangère et ne m'appartient pas,
Et qu'il chante ou qu'il pleure et qu'il rie ou qu'il aime,
Tout homme en lui l'entend qui lui parle tout bas,

Et quelque chose alors se remue et s'éveille,
S'agite, se répand et se lamente en lui,
A cette sourde voix qui lui dit à l'oreille
Que la fleur de la vie est cendre dans son fruit.

O decoro da paisagem apparece transfigurado por um crepusculo romantico. Vem chegando pouco a pouco, indecisas e lentas, a legião das sombras. Do céu cáe, silencioso e absorvente, o crepusculo immenso que dá vida

as ruínas, faz gemer as solidões e accorda as maguas do fundo do peito. Desmaia lá no poente o sol, tingindo de purpura a tarde, abrindo na vastidão do oceano uma como flammante cratera de vulcão colossal, e emquanto para traz o azul, desolado, esmorece na noite. Ao longo da rua, grupos de moças alegres, enfileiradas, braço a braço, passam e repassam, a vagar despreoccupadas, rindo, ruidosamente rindo, numa confusão de vozes argentinas. Num palacete proximo, tocam piano, e tão melancolicamente que se diria vir aquella musica de alma dolorosa, uma musica que me suggere visões profundas, accorda ancias mortas e dôres já soffridas, provoca a amarga nostalgia de uma idade que não mais volta. A musica de Massenet falla-me tanto ao coração, domina-me, exalça-me para o desconhecido, produz um gôso intenso ao mesmo tempo que provoca um soffrimento extranho, e gosando e soffrendo aquella dolorosa agonia do heróe goethiano, fico commovido até as lagrimas. Tenho os nervos presos a uma grande excitação, sinto-me febril e enfermo, atacado do mal incuravel de Werther. Ha lá fóra, dentro da escuridão da noite, uma cousa que me aterrorisa: o mar soturno, alli perto a bramir, como uma queixa sentida, amarga e continua da terra, só. A noite é fria, fria e triste, tão triste e tão fria, que faz pensar nas almas dos scepticos, nos corações dos esposos velhos e sem filhos, na vida e no porque da vida, e no mais além da morte. Soffro a suprema

loucura de amar, doença que me agita, que me martyrisa, que me consome. Amo como um possesso, e na agonia de Werther vejo minha propria dôr reflectida...

Sabbado, 2.

Tarde deliciosa, passada quasi toda a conversar com mademoiselle Greta Prosor, na galleria, no terraço, no parque, em todos os lugares descobertos do palacete da legação russa, o qual parece ter sido construido por um principe poeta para esquecer as maguas, entre altas montanhas e sob un lindo céu sempre claro. Greta Prosor, que continúa uma tradição familiar de alta cultura, de arte e de elegancia, a sua educação esthetica fazendo-se entre profundos estudos classicos e longas viagens, sob a direcção de seu pai, o conde de Prosor, o traductor e o sabio commentador de Ibsen, um escriptor muito culto e de muito bom gosto, um desses *bons europeus* que tinha a estima de Nietzsche e é admirado por Georges Brandes, é uma joven divina de ternura e de graça. A sua figura, com aquelle seu perfil puro e correcto, coroado de cabellos loiros que se dividem para um e outro lado sobre a fronte branca como um marmore de Rodin, o rosto oval, talvez um pouco alongado, com esse desenvolvimento aristocra-

tico que os artistas do seculo XV, pesquisadores de elegancias, exaggeravam, os olhos cheios de um brilho extranho, mas circumdado de um pallor morbido e suave, nos labios um sorriso melancolico, vestida sempre com umas *toilettes* que parecem compostas numa tempestade e com essas côres estheticas que se encontram nas pinturas dos primitivos italianos e dos preraphaelistas inglezes, em Dante-Gabriel Rossetti por exemplo, e, ainda mais, as feições delicadas, com essa subtil expressão de soffrimento, de fadiga e de bondade que constituem o humano encanto das madonas dos frescos florentinos, lembra uma sacerdotisa de Alma Tedema. Na conversação é de uma volubilidade encantadora, e tem sempre observações penetrantes, idéas curiosas, commentarios bem originaes sobre o mundo, a vida e a paysagem. As vezes, mostra-se de uma jovialidade communicativa, e, a proposito de suas viagens e peregrinações estheticas, desenrola aos nossos olhos, como fitas cinematographicas, largas visões das terras, dos mares e dos céos longinquos. No silencio do velho parque, á hora em que o azul vibrava nos cumes das montanhas e se espalhava por toda aquella solidão, ella me disse, com a sua voz languida e baixa, um pouco sombria e pausada, quasi com a paixão selvagem dos violões, alguns poemas de seus poetas predilectos, Mallarmé, Verlaine e Regnier : uns exprimiam um sentimento triste e cantavam um bem perdido, outros narravam amores mortos e um

languido extase, quasi todos impregnados dessa indefinivel melancolia que existe no fundo de toda humanidade e extraordinarios de harmonia. Vencidos todos os obstaculos creados pela sua modestia, recita-me a sua ultima produccão, um poema de uma arte profunda e de uma musica extranha, e, qual uma infanta de Samain, em seus olhos e em suas palavras, havia essa especie de abandono affectuoso que é proprio das mulheres intellectuaes :

Quand le soleil, lassé d'embraser de ses flammes
L'onde qui chaque jour se livre à ses rayons,
Nous quitte lentement, ne laissant de son âme,
Qu'une rouge lueur là-bas à l'horizon,

Les vents sont rafraichis, l'atmosphère se teinte
De changeantes couleurs, et se mêle et se fond
Au voluptueux soupir, las comme une plainte,
Qu'émane l'univers de son être profond.

Alors s'éveille en moi le monde de mes rêves,
Forêt mystérieuse au tréfonds de mon cœur
Dont les arbres géants et tout gonflés de sève
Sont mes désirs cruels et toutes mes ardeurs.

Ce sont tous mes espoirs, ma volonté de vivre,
Et ma jeune révolte, et mon besoin d'aimer,
Et tout ce qui exalte, et tout ce qui délivre
Un cœur jeune du lien qui voudrait l'enchaîner.

Ils vivront là toujours en leur force sauvage
Et ne faisant qu'un tout et un unique effort
Contre ce qui flétrit, affaiblit ou ravage
Les élans généreux des jeunes et des forts.

Et quand s'éveille en moi cette forêt puissante,
Je vais m'y recueillir et chercher la fraîcheur
Et la force de vie que je sens frémissante
Et jeune, malgré tout, au tréfonds de mon cœur.

Dotada de um sentimento muito profundo, sensibilidade delicada e vibrante, apaixonada e tenra, ébria de vida e transbordante de mocidade, amando a belleza e a arte com paixão ardente, a alma sonóra e bôa por indole, mademoiselle Greta Prosor é uma poetisa, antes de tudo, interessante por si propria, pelo seu temperamento, tão complexo, e pela sua cultura, tão sabiamente adquirida, no seu conjuncto, muito seductora, natureza artistica essencialmente moderna e fundamentalmente poetica. Depois, ella é, principalmente, uma despreocupada de tudo que não seja a pura arte e que não constitúa o seu goso pessoal, o que se chama caracteristicamente uma egotista, vivendo na atmosphera de seus sonhos como numa redoma cujos limites para ella são os limites da vida, pelo menos daquella que ella estima, que lhe interessa, que lhe impressiona. Digna discipula de Henri de Regnier, que adora como a um deus Termino amava o agricultor pagão, e de Frederico Nietzsche, Greta Prosor é um espirito em que se encontram, tão sabia e maravilhosamente unidas numa flagrante harmonia, a subtileza da arte moderna e a risonha transparencia do genio antigo—é uma hellena. Para mim, tem muito mais talento que a condessa Mathieu de Noailles, e a sua poesia está mais proxima da grande Arte, é mais perfeita e melhor inspirada.

Quinta-feira, 7.

Sobre a mesa, tenho um punhado de flores fresquissimas que me mandou Daysi,

Daysi, Daysi, give me your answer do...

uma *miss* adoravel e encantadora, mas tão esquiva e tão ingenua que tem

Peur d'un baiser
Comme d'une abeille.

São rosas, rosas brancas, perladas, amarellas, purpurinas, quasi todas abertas, enormes, rosas que despertam o desejo de as morder e de as devorar, lilazes, hortensias com sua gradação quasi imperceptivel de suavissimas colorações e uma orchídea aristocratica, orgulhosa, pomposa, provocante como uma bocca sedenta de beijos e voluptuosa como carne de mulher, uma flor extranha que tentaria o genio de Botticelli e o sybaritismo de Chamberlain. Olhando-as, lembro-me da admiravel phrase ruskiniana — *on n'a jamais admiré une fleur parce qu'elle ressemble à une femme, mais on admire une femme parce qu'elle ressemble à une fleur* — e sorvendo o perfume subtil que dellas se desprende, vejo, cheio de espanto, pelas janellas amplas que deitam para o parque exhuberante e fecundo, que estamos na estação

dos amores e dos sonhos. Dizem as florestas umbrosas; dizem as montanhas ornadas de verduras e opulencias; dizem as arvores do jardim, que com seus rebentos e folhas viridentes, se estremecem amorosamente como pombas que se beijam, — tudo num baralhamente phantastico de nuanças. Os passaros chilreantes pousam nas arvores, resoam pelo espaço, saltitam, azas ruflando, á luz faiscante, o prisma variado das plumulas setineas. As andorinhas regressam em bandos para os poemas de amor no beiral das ermidas. As rosas e os cravos, as violetas e os lyrios, as açucenas e os miosotys, as flores todas distillam perfume, um estontecedor perfume que embriaga. A cidade surge engalanada e alacre, com as suas avenidas amplas e claras, sem as inclemencias do sol caustico e tremendo. Homens e mulheres parecem felizes e contentes, mostram uma alegria sem mescla, sentem a alma presa no contentamento de viver e toda attenta ao goso do presente, esquecida das desgraças do passado e dos cuidados do futuro. Pelo ambiente, cheio de uma inspiração primitiva de cousas modernas, ha uma musica magnifica, musica que parece a passional syringa de Pan, numa farandola de bacchantes gregas e parisienses, e um vasto orgulho viril animado pelo *odor dí femina*. Como um hymno á vida, enche os ares um côro de suspiros amorosos e de gargalhadas expansivas, de explosões de alegrias e de desejos. E na carne palpitante renascem ancias mortas. É

a Primavera que chega, a estação das manhãs triumphaes e das tardes encantadoras, a divina estação dos amores e dos sonhos, a *gioventú del anno*.

Divina Estación! Divina
Estación! Sonríe el alba
Mas dulcemente. La cola
Del pavo real exalta
Su prestigio. El sol aumenta
Su íntima influencia; y el arpa
De los nervios vibra sola.
Oh, Primavera sagrada!
Oh, gozo del don sagrado
De la vida!...

como dizem os versos do maravilhoso Rubén Darío. A noite, irei ao S. Pedro, ouvir e applaudir mais uma vez a interprete de Puccini, Leoncavallo e Massenet. Não nos é dado muitas vezes o supremo gozo esthetico de ouvir, sentir e applaudir uma artista perfeita, original e extranha. Ainda hontem tive a rara ventura de experimentar a sensação do infinito, pelo canto e pelo gesto de uma mulher que é incontestavelmente uma grande artista. Fallo de De Revers, que é a paixão que canta, vibra, acaricia, arrebatada, porque na sua arte tudo é passional. Della, posso dizer que possui a rara faculdade de alliar á inspiração tragica o sentimento musical, a voz e o gesto sendo nessa pujante organização artistica duas cousas que se completam. Com effeito, De Revers é uma interprete ideal, completa, verdadeira, de *Zazá*,

parecendo que esta obra foi concebida para seu temperamento e sua alma, feito sob medida, tanto se adapta ás multiplas qualidades de seu bello talento. Depois, como *Tosca*, exprime a intensidade de sua alma voluptuosa, arrebatadora e exquisita, sem desfallecimentos e sem quebrantos, e que palpita continuamente com trepidações de mariposa offuscada pela luz. Alta, forte, fronte grega, bocca sangrenta e sensual, plastica de linhas perturbadoras e movimentos suggestivos, olhos grandes cheios de languidez, amortecidos e algo extraviados, fina d'*allure*, elegante de uma maneira artistica e com originalidade caprichosa, alliando á graça extranha, sinuosa, discreta, uma profunda sensibilidade, dona de uma voz privilegiada, nervosa, ardente, cheia de nuances, interpréta seus personagens com verdade e mostra os seus lados multiplos com uma riqueza de colorido que será bem difficil ultrapassar Assim, ella tem podido ser alternadamente *Zazá*, *Tosca*, *Mimi*, *Aida* e *Gioconda*, e, cantando e dramatisando essas figuras do drama lyrico, dá-nos muitas vezes a impressão do sublime. Não esqueceréi jamais a noite de hontem : a visão dessa alma de esphynges, palpitando dentro de ricos vestidos de brocado e seda, persistirá em minha retina com uma intensidade invencivel e a sua voz, qual a de Cléopatra que fazia cantar almas, vibrará nos meus ouvidos para todo o sempre...

Segunda-feira, 11.

Lembro-me hoje da minha primeira visita a Rubén Darío. Num apartamento luxuoso do Hotel Santa Thereza, vou encontrar o admiravel poeta que o Brazil teve a fortuna de hospedar como delegado de Nicaragua á Terceira Conferencia Americana, vestido com uma impecavel correcção britanica, taciturno, numa attitude impassivel e extatica, embebido no proprio pensamento, o rosto fundamente contrahido num rictus de consternação, as mãos apoiadas sobre uma mesa onde se achavam, entre outras brochuras, um livro de Gourmont, *Pages choisies* de Gobineau e *De Profundis* de Oscar Wilde, encarando soturnamente o panorama que se desenrolava deante de seus olhos de asiatico, numa atmospherá azul, diaphana e ethérea. Darío recebe-me carinhosamente, com seu sorriso enigmatico que traduz um soffrimento e seus olhos amortecidos, e, cheio de amarguras e tristezas, falla-me de sua molestia: « Vou mal... muito mal... sempre muito mal... Vivo atormentado por nevralgias violentas que me vêm sempre acompanhadas de ataques mysteriosos que ninguém me explica e que tornam minha existencia impossivel... Hoje passo melhor... e poudé compor alguns versos que te lerei... tres poemas. » Senta-se, mostra-me o ultimo livro de Wilde, folhea-o ligeiramente, tendo palavras repassadas

de melancholia e piedade para o desventurado artista de *Lady Windermare's fan*, cujo infortunio commoveu a todos os homens de coração e de espirito : « Wilde, meu querido amigo, foi victima de seus proprios paradoxos. Não quiz elle comprehender que os dons sagrados do invisivel são cousas que devem ser guardadas e utilizadas com muita prudencia, que a vida é um negocio muito serio, que as attitudes são perigosas e que a litteratura, por mais que se queira, não se pode separar da vida. Desdenhando o conselho da Kabala, o pobre Sebastien Melmoth *jugó al fantasma y llegó á serlo*, e o cigarro perfumado que trazia nos labios nas noites de conferencia foi o precursor da enfermidade que o arrastou á vergonha, ao carcere, á miseria e á morte. Os paradoxos são como os punhaes dos malabaristas, brilhantes e inofensivos nas mãos de quem sabe maneja-los, mas tem pontas e fios que podem ferir e matar. O esthéta de *Intentions*, o maior sybarita da ideologia, cahiu das alturas onde o collocara sua arte maravilhosa por ter abusado do sorriso... » Depois, retira da pasta umas largas folhas de papel escritas numa calligraphia nitida e sympathica, e, emquanto relê mentalmente o que está escrito, espero com natural anciedade, gosando e sorvendo voluptuosamente o aroma que vinha das magnolias e dos jasmineiros em flor, o momento para ver como cantou a sua musa esta terra prodigiosa, e antegoso a belleza de seus novos poemas. Lê em primeiro lugar o longo canto *El Aguila*, um

soneto sobre um thema metaphysico e estas delicadas quadras que parecem *qualtrains* de Omar Khhayamm :

Se desgrana un cristal fino
Sobre el sueño de una flor.
Trina el poeta divino...
Bien trinado, Ruiseñor.

Bottom oye ese cristal
Caer, y, bajo la brisa,
Sé siente sentimental.
Titania toda es sonrisa.

Shakespeare va por la floresta,
Heine hace un lied de la tarde...
Hugo acompaña la Fiesta
« Chez Thérèse ». Verlaine arde

En llas llamas de las rosas
Alocado y sensitivo,
Y dice á las ninfas cosas
Entre un querubin y un chivo.

Aubrey Beardsley se desliza
Como un silfo zahareño.
Con carbón, nieve e ceniza
Da carne y alma al sueño.

Nerval suspira á la luna
Laforgue suspira de
Males de genio y fortuna,
Va en silencio Mallarmé.

Sem embargo, verifico que o nosso lindo céo, as altas montanhas opulentas, as mattas umbrosas onde as fontes e os regatos murmuram, suspirando, nas noites constelladas, as claridades offuscantes do nosso sol, as manhãs triumphaes e as tardes encantadoras, a nossa terra, emfim,

com todos esses encantos e maravilhas, não lhe offereceu motivos estheticos para seus cantos. À minha surpresa, Rubén Darío responde com um ar muito alheiado, num gesto de sceptica indiferença, saturado de tédio e nojo de um vencido, que, para elle, o mundo exterior não existe. De facto, mixto de anjo e de satyro, o poeta atravessa a vida como um somnambulo, vivendo, ora mergulhado nos abysmos da sombra, ora num mundo de claridades, as suas visões, os seus symbolos e os seus rythmos nascendo das alternativas de coragem e de quebranto de su'alma. A sua existencia é uma lucta dolorosa, sem treguas, gerada pelo contraste que existe entre seu aureo sonho de belleza e a realidade tangivel, brutal e esmagadora, entre as creaturas de sua imaginação e os seres que lhe cercam. Primeiro que tudo, como pude ver mais tarde, quando entrei no pleno conhecimento do temperamento do artista, Darío é um auto-contemplativo que vive exclusivamente de seus pensamentos e de seus sonhos. « A carne é triste, a Primavera ha muito que passou, os enthusiasmos e as illusões da juventude desappareceram, e só me resta agora aamargur a de uma bemaventurança perdida que não mais volta e a terrivel certeza de que caminhamos para o desconhecido, dizia-me elle. » A sensibilidade de Rubén Darío vibra ao pensar elle na morte e uma vaga sensação de terror corre pelos nervos do poeta ao sentar prescutar o problema da Vida...

Y no saber adónde vamos
Ni dónde venimos...

grita elle, cheio daquella mesma inquietitude que se apoderou do espirito de Nietzsche quando proclamou a Volta Eterna de todas as cousas, ao encerrar seus *Cantos de Vida y Esperanza*, titulo que é uma illusão com a qual quiz o poeta enganar-se a si proprio...

Sexta-feira, 22.

A democracia é um terreno sáfaro para o florescimento da arte, da belleza e da graça. Nos nossos tempos, ainda são raros, rarissimos, os salões onde exista um ambiente suave de cousas intellectuaes, de bôa musica e de perfumes delicados, onde se converse sem attitudes ridiculas e sem pretensão, como se palestrava *chez* Madame Girardin, onde imperem o bom gosto, a galanteria e a fina espiritualidade. No Rio, ha dois, trez, talvez quatro desses salões, entre os quaes o mais procurado é, sem duvida, o da condessa Sylvia Diniz, que hontem iniciou a serie de suas encantadoras recepções. No mundo elegante, no meio dos artistas e dos litteratos que frequentam o lindo palacete da rua Marquez de Paraná, é um verdadeiro acontecimento tal successo. A condessa Sylvia

Diniz é uma creatura elegante e todos a apreciam como uma mulher dotada de apurado gosto e de uma cultura [muito delicada, uma intelligencia scintillante e uma imaginação viva, cuja conversação tem o encanto dos bons vinhos antigos e é alada como a espuma do *champagne*. Todos aquelles que possuem um nome illustre, todos os que pertencem á nobreza das lettras, os grandes titulares da diplomacia e as eminencias da politica, conhecem essas *soirées selected* onde encontro sempre as nossas mais formosas damas e as nossas melhores glorias. Quando se faz musica, é o insigne Arthur Napoleão que tem as honras da noite, é Alberto Nepomuceno que interpreta para delicia de todos uma pagina desconhecida de Wagner ou uma fuga de Bach, é o mavioso Carlos de Carvalho que canta admiravelmente romances sentimentaes. A condessa Sylvia Diniz é uma mulher de raça que, não só pela sua graça espiritual, pela sua distincção e pelo seu typo, mas ainda pelas suas maneiras, pelos seus gestos e pelas suas elegancias, possui algo de pompadouresco. Seduzida pela singular semelhança que lhe dá um ar de familia com a favorita de Luiz XV, ella é um pouco orgulhosa disto. Ha quinze annos atraz, ella, que ainda suggere um marmore aquecido por um milagre quasi divino de vida apaixonada e melancholica, voluptuosa e chimerica, devia ter sido uma dessas creaturas que perturbam a vida de um homem e muitas vezes de um povo. Viva, irrequieta, franca e amavel,

tendo passado a sua adolescencia radiosamente, numa atmospheria de luxo, cercada de carinhos e homenagens, e trazendo n'alma sempre moça o sonho luminoso de um amor mais forte que a morte, para a vida mundana, traz uma bondade nativa, uma grande indulgencia e a fidalguia aristocratica das marquezas de Versailles que os pintores do XVIII seculo eternisaram, mas, na intimidade, tem imprevistas ternuras, subtís melancholias, coleras rapidas, caprichos infantis e certas exentricidades. Falla com subtilidade, e tem a palavra colorida de quem muito viajou, conhece civilisações e povos diversos, sentiu varios climas. Quando conversa, della dimana uma exquisita seducção feita das recordações das cousas longinquas, dos aspectos legendarios, pittorescos e amenos que lhe ficaram na retina, das nostalgias que lhe perfumam a alma, das imagens vagas, vaporosas, indistinctas que lhe inspiraram a luz, a côr, o perfume, a paysagem, a musica e o espirito dos paizes que visitou. Não ha encanto maior que passar alguns momentos na convivencia de tão nobre dama, que póde evocar, á menor analogia, os nevoeiros de Londres, as paysagens, as alturas e as neves dos Alpes, a belleza radiosa dos jardins e dos parques de Pariz, a magia soberba de Veneza, com seus palacios, seus canaes, suas canções e seus gondoleiros, a solemne tristeza das ruinas de Roma, as praias *fashionables* da Gran-Bretanha, o cosmopolitismo e o luxo de Monte-Carlo, as tardes lyricas da Grecia e os luares de

Biarritz, as cidades moles de volupia e os costumes exquisitos da Andaluzia, as paragens hieraldicas e encantadas de Versailles, onde todas as cousas têm um aspecto de melancolia e de saudade, e as alegrias divinas de Florença, com seu passado de luctas e glorias. As suas preferencias e os seus gostos são bizarros : ama a musica até a loucura, sobretudo quando se trata de um Wagner, de um Gluck ou de um Paulo Strauss ; aprecia os perfumes de Houbigant e as flores mais do que seus aneis de uma arte preciosa e cara, authenticos Lalique, sobretudo as orchídeas exóticas e as rosas sangrentas ; gosta dos vestidos sumptuosos, dos velludos, dos brocados, das sedas lavradas, e, entre todas as côres, o roxo e suas nuanças, a qual não é precisamente a côr de sua alma ; ama o seculo de Luiz XV com todas as suas pompas, suas malicias sorridentes e sua fascinadora elegancia, os seus moralistas, Rochefoucauld, Helvetius e Montaigne, sem esquecer Vauvenargues, e mais do que tudo isto, admira Maria Antoinette, a branca rainha de olhos azues para quem « toda ambição de felicidade se reduzia ao simples desejo de viver entre flores, paysagens e Wat-teaus », e cuja memoria resplandece como illuminada pela aureola da desgraça e do martyrio ; prefere a taciturna Londres á Pariz, quando, no emtanto, a sua alma é mais franceza que ingleza ; é uma admiradora de *Arrigo Beyle, milanese* ; lê Marcel Prévost e os Goncourts, Pierre Loti, Anatole France e Henri de Lavédan ;

gosta de Aman Jean, La Gandara e Thaulow mais que de Claude Lorraine, Burnes Jones e Stuck; veste-se na viuva Paquin e tem uma grande predilecção pelo loiro. Fronte regia e pura, um grande ar de nobreza, cabellos de uma abundancia e de um esplendor soberbos, senhora de dois grandes olhos de velludo, mas de um morbido velludo cinzento, olhos obstinados, sub-tís e penetrantes, dona de uma bocca para caricias e beijos, ainda illuminada por uns dentes muito claros e risonhos, prodiga em sorrisos cristallinos que desabrocham numa idyllica primavéra de desejos e anceios, essa extraordinaria creatura, que possue uma mocidade eterna, podendo em belleza ser comparada ás grandes damas da Renascença e em elegancia as mais formosas *Ladies* da Inglaterra, parece uma pura creação de sir Joshua Reynolds — o pintor de rendas, de velludos, de olhos luminosos, de boccas sensuaes e de carnes tentadoras — o pintor dos esplendores e das elegancias regias. Assim, eu que sou um impenitente adorador da Belleza e estou apto para gozar todas as fascinações do Eterno Feminino, não trocaria a amizade da condessa Sylvia Diniz, essa esplendida flôr de Volupia e de Seducção, por uma curia senatorial ou pelo principado de Mónaco.

Segunda-feira, 2.

Madame Lydia Cavalcanti, entre tantas senhoras distintas da nossa sociedade, que conheço, é a mais fina, e, de todas as minhas amigas, a que mais estimo e admiro. Talvez se compraza um pouco em procurar phrazes e ditos de espirito, em fazer litteratura, como se diz hoje, mas é despida desse preciosismo ridiculo de que soffre a maioria das nossas damas, é sem affectação e despretenciosa. Por isso, ella se torna mais estimada daquelles que apreciam o bom gosto alliado á uma cultura escolhida, a intelligencia e a graça. Madame Lydia Cavalcanti não é certamente joven, tem mais de quinze annos, estou bem certo, mas conserva essa bella alegria que tão extranhamente deleita o espirito. A sua qualidade dominante é a jovialidade, uma jovialidade constante, continua, de todos os momentos. Os annos passam sem nella quasi deixar traços, e quando ella, por exemplo, sae a passear, ao braço de seu filho, um verdadeiro *englis boy*, a ambos se toma facilmente por *um new happy pair*. Sem fingida *pruderie*, impregnada d'*espril* e de muito bom *humour*, e sobretudo perfumada com aquelle suavissimo aroma de uma formusura que se não extinguiu com a adolescencia e que é como um bom vinho antigo que deleita sem embriagar, a sua palestra, scintillante de verve e entremeiada de anedoctas pre-

ciosas, e que fascina, principalmente, pelo imprevisto de seus conceitos e originalidade de suas observações, é a evocação daquella galanteria que floresceu na côrte do Rei-Sol com a pompa e a belleza das Pompadour e das Du Barry. Tal como a singularissima marquezia de Rubén Darío, ella

Tiene azules ojos, es maligna y bella,
Quando mira vierte viva luz extraña :
Se asoma á sus húmedas pupilas de estrella,
El alma del rubio cristal de Champaña.

¡ Ay de quien sus mieles e frases recoja !
¡ Ay de quien del canto de su amor se fie !
Con sus ojos lindos y su boca roja,
La divina Eulalia rie, rie, rie.

Pues son su tesoro las flechas de Eros,
El cinto de Cipora, la rueca de Onfalia...

Não ha muito tempo, conversando em casa de Souza Barros que, bem me lembro, nessa noite, dissertava sobre a singularidade dos perfumes das mulheres loiras, citando Baudelaire e Montesquiou-Fesensac, ella, estendida sobre um divan de uma indiscretissima e voluptuosa macieza, segredou-me, cheia de amertume, que sentia já a nostalgia da mocidade, e dos seus lindos olhos azues vi correrem duas lagrimas tristes. A sua imaginação trahia-lhe, porque, sem lisonja, e realmente sem favor, a sua existencia é uma forte affirmação de que a mocidade se pode conservar eterna. De facto, tenho nos seus gestos, nos seus francos sorrisos, nas suas

attitudes de *fluffy ruffles*, nos movimentos impressionadores de sua carne exuberante, a illusão muito cara e o exquisito perfume da juventude. A condessa Castiglione envolveu o declínio de sua perturbadora belleza em densos véos. Desesperada por ver extinguir-se o esplendor de sua carne amada por um imperador, retira-se do mundo, para, ignorada e longe dos olhares curiosos, viver na obscuridade das persianas cerradas e dos espelhos cobertos. Ora, a belleza' é uma cousa que, em se sabendo guardar, nunca abandona o espirito e o coração daquelles que receberam, com a luz, esse dom soberano dos deuzes. Assim, explico, porque a bella florentina aspirava

Le silence et la nuit sur la beauté faneuse,
L'oubli sur le scandale,

como disse um poeta : ella não possuia aquelle segredo, que a faria sobreviver á mocidade, contida no pensamento do nosso Joaquim Nabuco : *la jeunesse, au fond, n'est pas que la surprise de la vie; quand on ne la ressent plus, on n'est plus jeune, et on n'est jeune que tant qu'on la ressent.* Castiglione, ao descer o valle dos annos, não sentia aquella surpresa, e, por isso, não triumphou da velhice. A mocidade de Madame Lydia Cavalcanti é precisamente essa vibração nervosa que, parece, nunca a abandonará, e a sua belleza é como um cofre de oiro que o tempo jamais conseguirá gastar nem amarellecer. Viver é vibrar, vibrar continuamente,

e com intensidade, e a belleza é uma essencia que, muitas vezes, não dá todo seu perfume senão na plena eclosão e completo amadurecimento da carne. Depois, que é a mocidade? — um instante verde e prematurado, um tempo de humores futeis e de pensamentos insensatos, responde o nobre Oscar Wilde.

Quarta-feira, 13.

Depois de ter apparecido em todos os theatros e ter visto desde a belleza ainda tentadora de Ghiselda Morosini, a graça *boulevardière* de Cinira Polonia, sempre interessante e espirituosa, até os gestos emphaticos da senhora Lucilia Peres, na *Zazá*, fui, ha dias, ao *Moulin Rouge*, por desfastio, passar o resto da noite. O pequeno *music-hall* da praça Tiradentes está á cunha, e no seu bojo ha um surdo rumor de circo : é a lucta romana. Nos camarotes, hetaíras elegantes e formosas, os collos nus, ostentando toda uma montra de joalheria que scintilla sob o faiscar das lampadas electricas, e homens ávidos de luxurias. Todo, quasi todo o *demi-monde* carioca : a Charlotte, a Pilar Guerrero, flexivel e risonha, nervosa e viva como um guiso, a René, trazendo um chapéu á Sorel, a Pepita Aragón, com o ar de familia da Otero, que tambem é de Aragón.

Soy de España que es tan rica,
Soy de España y de Aragón,

a Chabas, o idolo do conde de Viviani, a muito pallida e muito triste Line d'Hervé, a Simone, ardente como o sol da Argelia, a « bella » Chilenita, lleratica e realmente formosa, a Marthe d'Yvermont, a encantadora *queen of wire*, acompanhadas dos respectivos senhores que lhes pagam as joias, os perfumes e os caprichos. Nervosas e febris, ellas se agitam numa sensação de alarme, delirantes 'de emoção e de novidade. A platéa e a galeria, com applausos freneticos, gritos violentos e brados ruidosos, acompanham os luctadores.

Ces messieurs de la lutte, une peau de panthère
Aux reins, carrent leur torse, et la peau ferme et claire
Le poil roux, font l'entrée, encor lourds de hoquets,
Du dernier coup de vin...

No palco, sobre um tapete rubro, dentro de um pequeno espaço limitado por fortes cordéis, e sob o olhar feroz do fiscal, Paul Pons e Raoulle-Boucher, os mais rijos campeões da *troupe*, grossamente musculosos, os corpos cobertos de suor, sangrentos, desesperados, lutam como verdadeiras feras. Sem vergonha, confesso que nessa noite perdi a consciencia da minha personalidade para mergulhar naquelle ambiente e, incorporado á ignara multidão, applaudir com um enthusiasmo selvagem os dois luctadores. Desde esse dia, fiquei adorando a lucta

romana, deslumbrado por esses emocionantes espectáculos da força bruta, e lá vou, todas as noites, seguir ávidamente com uma ancia estranha, inexplicavel e ruidosa, as phases cheias de incidentes inauditos dos combates, cuja loucura, verifico, não poupa os melhores e lisonjeia os instinctos de « gorilla feroz e lubrico » que Taine diz existir no fundo de todo homem. A lucta corporal data de muitos seculos, e era praticada por povos que se preocupavam com a integridade da raça, apaixonados pela belleza das fórmas e agilidade vigorosa do corpo humano : Homéro descreve a lucta entre Ulysses e Ajax. Os gregos, como nenhuma outra gente, tinham o culto da belleza physica, e os homens na antiga Hellade chegavam a ser mais bellos que as mulheres graças aos jogos olympicos. Devia ser um magnifico espectáculo, o da Grecia antiga reunida para ver luctar jovens ephebos. A historia conta que Sophocles, aos quinze annos, fôra escolhido para cantar, nú, o trophéo de Salamina... Hoje, vacillo sem saber se de va ir applaudir Susanne Desprès na *Gioconda* ou gosar as surpresas da lucta entre Caseaux e Ottinger. Não ha resistir-lhe. Vou á lucta : ao menos terei o raro espectáculo do exotico nesta terra banal...

Sabbado, 23.

Na melancolia desta fria tarde de junho, voltado para as minhas agonias e as minhas amarguras, ao ler uma chronica de Gomez Carrillo repassada de muita piedade, evoco a legenda de Oscar Wilde e a figura de Camerino Rocha. Wilde, o admiravel poeta que a *pruderie* britannica, depois de um processo escandaloso, epico e tôrpe, atirou numa immunda enxovia, condemnando-o a dois annos de trabalhos forçados na prisão de Reading, e que veio a morrer tempos depois cheio de dôres, affrontas e misérias, teve o imperio do dia na Inglaterra não só pela sua nobre arte como pela sua requintada elegancia, esta como aquella sobremaneira paradoxaes. O paradoxo nesse homem de gestos e attitudes de um grego dos tempos de Pericles, era um dom maravilhoso e natural, e fel-o conquistar em sua curta mais gloriosa passagem pela terra os maiores triumphos que um artista pode desejar e passar por todos os modos possiveis da dôr. Moço, rico, fidalgo e distincto, perturbadoramente bello como Antinous e supremamente elegante como Brummel, escriptor fascinante, *causer* incomparavel, Oscar Wilde era de facto aos trinta annos o *arbiter* das elegancias mundanas e artisticas de Londres, a sua fama, como esthéta e como *dandy*, tendo chegado até nós. A *fashion* pertenceu-lhe durante

dois descenios. O renome e a posição que desfrutou esse príncipe da arte, do paradoxo e do dandysmo só erão comparaveis á posição e ao renome que hoje em dia tem em todo o *english speaking world* Rudyard Kypling, o poeta laureado. As damas, que o consultavam a respeito de vestidos, joias, moveis e amores, seguiam á risca os seus conselhos. Os *gentlemen* copiavam suas maneiras fidalgas. Os jovens poetas imitavam com profundo respeito seus versos e seus gayos dizeres. A aristocracia sentia-se orgulhosa de sua presença. Todos e todas applaudiam, nesses dias de esplendor e de fortuna, suas exentricidades, suas *boulades*, seus caprichos e suas loucuras. Paris, que hospedou por algum tempo sua fascinação, confirmou a gloria do altissimo poeta. Stuart Merrill conta que no banquete offerecido por amigos e admiradores do autor de *Salomé*, no qual tomaram parte Paul Bourget, Anatole France, Jean Lorrain, Paul Verlaine, Jean Moréas, Henri de Régnier, Maurice Barrès e outros muitos, o grande artista, depois de ter durante uma hora conversado com emphase e encanto sobre cousas elevadas, idéas puras e assumptos de pura belleza, commoveu-os tanto, ao ponto de alguns chorarem, quando Wilde lhes narrou a historia dos amores de Lady Blessington. Nunca imaginei, diz um delles, que a palavra humana podesse revestir tal esplendor. Quando elle fallava, dizia outro, parecia coroadado por um nimbo de oiro. Sem embargo, porém, essa

vida desfez-se ante o que Byron, outra victima, chama, com excesso de expressão : *the degraded and hypocrirical mass wich leavens the present english generation*. Do genial mas desgraçado poeta, só restam hoje, na phrase de Sherard, alguns dentes furados, tapados a oiro, e as suas obras primas. Camerino Rocha, o *Principe Camelio*, como era conhecido na intimidade dos amigos dilectos, era uma creatura singular, extranha e intensamente paradoxal, e tinha muitos pontos de affinidade com Oscar Wilde, ao qual amava e admirava como a nenhum outro escriptor contemporaneo. Tambem nelle, o paradoxo era, como no autor do *Retrato de Dorian Gray*, uma virtude natural e encantadora que exercia sobre as almas um soberano poder de sympathia. Pelo sentimento, pela sua nobre intelligencia e pela sua cultura hellena, esse sonhador que se imaginava neste mundo ignaro um principe ditoso vivendo cheio de aventuras felizes e habitando um silencioso palacio de marmore roseo, entre flores, perfumes e recordações de epochas longinquas, era, no melhor sentido da palavra, um aristocrata, um nobre á maneira de Renan e de Nietzsche, sempre revoltado contra as idéas utilitarias e o plebeismo da nossa éra, um homem com o sentimento do *palhos* da distancia, um grego antigo, em summa, que procurava reduzir tudo na vida a maneiras d'arte. Natureza profundamente sensual, mas desse sensualismo artistico dos italianos da Renascença, e com

esse scepticismo doce e sympathico das epochas cançadas, dotado de uma sensibilidade requintada, e de um espirito penetrante, Camerino tinha a psychose do estylo em tudo, na arte como na vida, e dizia sempre, repetindo não sei que autor, que os deuses enviaram os homens ao mundo para viverem e fallarem com elegancia. De facto, elle foi um conversador admiravel, um artista fascinante da palavra fallada, que nelle era pura, sem feiezas nem marzelas, polida e culta, musical e alada. Não amava escrever, porque, ainda dizia elle, o necessesario seria usar uma lingua que dêsse, por exemplo, a impressão de um raio de sol perfumando-se numa rosa. A litteratura foi seu brinco na vida, seu vicio de sybarita, sua ebriedade. Sendo um contemplativo, não era, no emtanto, um taciturno e um insulado, antes sabia como raros dar-se todo, fraternalmente, ás almas irmãs. A convivencia intima, numa doce effusão de sentimentos e de idéas, com alguns amigos escolhidos, era o maior prazer da sua vida. As suas predilecções intellectuaes eram para a *lillérature de loul à l'heure* : Charles Morice, Camille Mauclair, Jean Moréas, d'Annunzio, Henri de Régnier, Remy de Gourmont, Jules Laforgue, Hugo Ojetti, Albert Samain, Charles Guérin, Georges Rodenbach e Walter Pater. As suas preferencias estheticas iam para a Grecia, sendo curioso que elle amava da Grecia os periodos de decadencia, preferindo ás estatuas de Praxisteles as figurinhas trabalhadas pelos co-

roplastas de Tanagra, condensando a civilização grega nos idylios de Theocrito e nos fragmentos da Anthología. Sabia de cór os principaes poemas de Théophile Gautier, Baudelaire e Leconte de Lisle, e professava uma grande admiração por Flaubert e Eça de Queiroz. Rodenbach o cantor melancolico de *Bruges-la-Morte* e do *Miroir du ciel natal*, Samain, o poeta suave, delicado e original do *Au Jardin de l'Infante*, e Walter Pater, o estheta prodigioso de Marius, o epicurista, exerceram sobre as suas idéas uma influencia notavel. Samain era o favorito de seu espirito, e, como o poeta francez, comparava su'alma a

..... une infante en robe de parade,
Dont l'exil se reflète, éternel et royal,
Aux grands miroirs déserts d'un vieil Escorial,
Ainsi qu'une galère oubliée en la rade.
Aux pieds de son fauteuil, allongés noblement,
Deux lévriers d'Écosse aux yeux mélancoliques
Chassent, quand il lui plaît, les bêtes symboliques
Dans la forêt du Rêve et de l'Enchantement.
Son page favori, qui s'appelle Naguère,
Lui lit d'ensorcelants poèmes à mi-voix,
Cependant qu'immobile, une tulipe aux doigts,
Elle écoute mourir en elle leur mystère...

Camerino era um homem cheio de superstições, e acreditava na existencia da *jellalura*. « Todos nós, escrevia-me elle um dia, a proposito de um incidente de sua vida, temos a nossa cabula, somos victimas dessa força inconsciente, irresistivel e inimiga que circumda a nossa existencia de maleficios. O meu *jellalore* é um homem

que nunca se riu. Alto e magro, os olhos amarellos, com uma expressão cadaverica na face livida e descarnada, sempre abotoado numa sobrecasaca negra, longa e amarrotada, dizem que esse velho desde a sua adolescencia traz consigo azares, perigos e desgraças. A verdade é que todas as vezes que essa figura cadaverica se approxima de mim, quando o avisto, mesmo de longe, sou preso de um terror indescreptivel, vem-me um negro pavor, surge-me um medo organico que me faz tremer como tenra vergontea ao sopro de um furacão... »

Camerino Rocha era formoso e elegante, e possuia duas cousas extraordinarias : as mãos e a bocca, uma mãos longas e morbidas, mãos ducaes, e uma bocca humida e rubra, encantadora mesmo, bocca e mãos tão bellas que inspiraram a singular Madame Violante Guimarães uma exquisita paixão. Fallando deste episodio, perguntava-me elle um dia, com tristeza : — « Será verdade que as mulheres só amam as fórmas exteriores e a belleza ephemera das cousas? Ora, Madame Guimarães, aliás uma creatura muito intelligente e culta, enamorou-se loucamente de minhas mãos e de minha bocca, quando em minha personalidade o que verdadeiramente vale é meu espirito... » Tudo passou : aos que tiveram a ventura de o conhecer deixou a impressão desoladora de um homem admiravel e a Madame Violante Guimarães a nostalgia de suas mãos fidalgas e de sua bocca perturbadoramente sensual...

Quinta-feira, 28.

Jantar na legação colombiana, installada nos melhores aposentos do Alexandra-Hotel, em Larangeiras. De estatura alta, magro, todo nervoso, a testa alevantada, o nariz quasi aquilino, a face descarnada, á qual davam altivez os bigodes retorcidos e a pequena mosca em bico sobre o queixo, á maneira de Carlos I nos retratos de Van Dyck, os olhos intelligentes, affectuoso e varonil, o general Rafael Uribe Uribe é um homem encantador. Falla de tudo, sobretudo de politica e de litteratura, com uma visão clara das cousas e uma amenidade que fazem d'elle um conversador estimavel. A nossa conversação nesse dia versou sobre assumptos americanos. Uribe dissertou com enthusiasmo communicativo sobre a nova politica continental, tratou dos escriptores mais em evidencia no seu paiz, lamentando o desconhecimento em que nos encontramos a respeito da litteratura da Colombia, referiu-se a nossa vida social, cheia de attractivos e gosos refinados, estabelecendo confrontos e parallellos. Quando falla, parece que dicta um dos seus discursos amenos, discretos, sabios, e de correcta linguagem, a Colombia sendo um dos poucos paizes da America Hespanhola onde se falla o castelhano puro, *sin mescla de algodón*. Uribe é um subtil artifice da prosa que a politica vai consummindo. Na

verdade, raros, rarissimos têm sido os diplomatas acreditados junto ao nosso Governo que tenham alcançado repentinamente as sympathias geraes. O general Uribe Uribe, pela sua grave compostura, pelo seu grande talento e pujante espirito, sempre curioso e ávido de informações sobre as cousas americanas, pelo seu fino trato de verdadeiro *gentleman*, pela sua cultura vasta e bastante solida, por estas e outra muitas qualidades, conquistou entre nós, em poucos mezes de permanencia, valiosas amizades, fortes sympathias e sinceros applausos. A sua attitude na Terceira Conferencia Internacional Americana, em cujos trabalhos tomou parte como delegado de seu paiz, ao lado de seu compatriota Guilherme Valença, figura eminente na politica colombiana e um dos mais notaveis pensadores do continente, não passou desapercibida nessa assembléa de notaveis, tendo pronunciado trez discursos, imbuidos de sobria eloquencia e replectos de idéas liberaes, que ficarão assignalados nos annaes do Congresso. A presença entre nós de tão eminente personalidade é uma garantia segura das boas relações entre as duas republicas vizinhas. O general Rafael Uribe Uribe gosa no continente de grande fama como militar, politico, orador e publicista. Suas brilhantes campanhas liberaes no parlamento e na imprensa de Colombia pelas liberdades constitucionaes de sua grande patria, seus legendarios feitos de armas em Bucaramanga, Peralonso, Manganguê, Terán e Palo

Negro, sua recente propaganda diplomatica no Equador, onde por occasião de saudar em nome do seu Governo o Presidente dessa Republica, lembrou o restabelicimento da Confederação que se dissolveu em 1830, — estas e outras circumstancias, que exaltam a curiosidade dos espiritos liberaes e americanistas, cercaram o nome do general Uribe de merecido prestigio. Não é de estranhar, portanto, essa atmospheria de sympathia e de carinho em que vive entre nós. O general Rafael Uribe Uribe crê na unidade da familia americana, sendo hoje um dos mais entusiastas partidarios do Congresso Pan Americano, sufficiente para fundar, e de modo definitivo e indestructivel, a fraternidade entre os povos do novo mundo, mas a verdadeira fraternidade que não é menos do que a cohesão nutrida de legitima sympathia e de communhão de idéas, sentimentos e aspirações. Até mais do que uma união fraternal póde ser formada, desde que se cultivasse assim os interesses que fallam pela solidariedade humana sem desnatural-os á custa de preconceitos absurdos : se se der a esse Congresso Pan Americano a amplitude que elle deve ter, estamos por nossa parte convencidos de que, numa perfeita consciencia de solidariedade internacional, fundará uma grande politida de descortinio, orientada de modo a facilitar na ordem do mundo a acção decisiva que tem de caber á joven America, unida e forte, consciente de seu papel na historia, porque precisamente a terra de Co-

lombo precederá á Europa no caminho do progresso e da liberdade, e nos dará então segundo a imagem de Shelley :

..... a nation
Made free by love, a mightth brotherhod,
Linked in a jealous interchange of good.

Segundo pensa muito judiciosamente o general Uribe, o meio mais efficaz para realisar-se a união dos povos americanos consiste no intercambio intellectual, no conhecimento e mutua estima dos nossos publicistas, na constituição de uma corrente constante de sympathia entre os creadores de valores do continente. Vivemos, nós americanos, uns para os outros, como cercados por fortes muralhas, desconhecidos e ignorados. Quasi nada sabemos, nós brasileiros, das litteraturas americanas, e, podemos até dizer, generalisando, que pouquissimo sabemos nós americanos das litteraturas uns dos outros. Ignoramos intellectualmente a Colombia, quasi tanto como ao Chile, ao Perú e á Argentina. A litteratura é um grande elo entre os povos, foi ella que deu á França esse grande protectorado moral que exerce sobre o mundo, e será ella que fundará a amizade, approximarão os povos americanos uns dos outros, sem rancor e sem desprezo de quaesquer limitações de patria, religião e lingua, creará a cidade universal da concordia e da belleza, onde, no dizer do poeta, os ventos não espalharão mais, nem os germens da morte,

nem o clamor dos opprimidos, mas tão somente a cantiga do amor perenne e a benção da universal justiça.

Segunda-feira, 1.

Quanto mais a contemplo, tanto mais ella a meus olhos adquire o aspecto de uma creatura immaterial, um ser formado de elementos ethereos, e, para dar uma idéa da sua belleza e da sua espiritualidade, só me accodeni á memoria imagens e expressões de Shelley, o divino poeta que se nutre de luz e falla a linguagem dos deuses. Foi em casa da condessa Sylvia Diniz, numa *soirée* exquisita pelo enlevo da seducção que em tudo se insinuava, e graças á amabilidade de M^{me} Dinorah de Oliver's, um retrato de Gainsborough num modelo de Landffern, toda risos e desvios, ostentando por toda parte sua gloria feita de triumphos mundanos, que vim conhecer a Viscondessa de Sidney. Havia, nessa noite, artistas e notabilidades litterarias, diplomatas e politicos, attitudes notaveis, damas vestidas com um luxo requintado, habeis reproducção do seculo de Luiz XV imitadas da téla de Rigaud, um falso marquez e duas condessas authenticas. No ambiente suave, pairavam um antigo perfume de sandalo, tenues suspiros e phrases vagas, e uma musica ligeira e triste,

graciosa e nostálgica. Os minuetos e as valsas succediam-se lubricas, lentas e aladas no vasto salão nobre, todo de azul e oiro, decorado com elegancia, sobriedade e conforto, nas paredes paysagens de Watteau, um precioso retrato de Largillière, uma Madame Pompadour sobremaneira commovedora e uma princesa de Lamballe. A graça das reverencias e a amavel urbanidade das dissimulações tinham o velho cunho do seculo da galanteria. O brilho vivissimo das luzes a reverberar no crystal dos espelhos, as melodias suggestivas da musica arrancada por ageis dedos do velho clavicordio pompadour ao som do qual dansaram gavotas e pavanas os nossos avós, a melancolia exótica das *chansons grises* cantadas ao piano por Vera Castro, a seducção feita olhares e sorrisos, o palpitar de corações replectos de anseios e de frivolidades, fizeram, para mim, dessa noite, um longo e delicioso sonho que me transportou aos céos daquella idade que passou entre soluços de violoncellos. No meio de todo esse concerto de perfumes, luzes e harmonias, o que mais me impressionou fundamente foi a figura soberana, hieratica, grave e austera da Viscondessa de Sidney, uma alma de *élite* dolorosa, compassiva e resignada, como que a suggestão viva do passado com todos seus esplendores, com todas suas grandezas decorativas e com todos seus mysterios. Aristocratica e sump-tuosa, delgada, fluida e ondulante como uma imagem de Tiépolo, vestida com a correcta sim-

plicidade da elegancia classica e com a vivacidade do *donaire* francez, seus grandes olhos que parecem conter toda a lizeza ineffavel do infinito, e a sorrir, sempre com o mesmo imperceptivel sorriso á flor dos labios, ella é um modelo perfeito de todas as graças do seculo XVIII que os Goncourt chamaram muito propriamente o sorriso da linha, a alma da fórma e a physionomia espirital das maneiras. Falla com brilho, é sobria de gestos, e quando anda, fronte alevantada e porte airoso, é tal a severidade de seus movimentos que impõe respeito e ascende ancias de fervida adoração em todos os peitos.

Ha por todo o esplendor de seu augusto porte
A severa feição de marmore antigo.

Ha nella, realmente, com a belleza exquisita da physionomia e dos gestos, algo vago, nebuloso, ethereal, que nos faz lembrar a *Blessed Damozel* de Danti-Gabriel Rossetti e nos leva suavemente o espirito para a região do sonho, entre o amor e a arte. Sobretudo, o seu sorriso, um sorriso inexplicavel, que insensivelmente attrahe, seduz e domina, um sorriso que promette e se excusa, julga e perdoa, um sorriso feito de todas as nuanças e de todas as subtilezas, formado de todas as esperanças e de todas as desillusões, um sorriso que nada diz e que tudo exprime, possui, para mim, um interesse raro, uma fascinação singular e enigmatica. Não parece esse sorriso, assim

subtil e vago, quasi imperceptível e indefinível,

Sans rien en lui qui pèse ou qui pose,

o sorriso sempre occulto em seu fatal segredo da alma de Monna Lisa?... Na verdade, é a primeira vez no mundo que creatura humana reproduz aquelle mysterioso sorriso tão maravilhosamente estampado no retrato de Gioconda.

Quarta-feira. 10.

Para fugir por instantes ao tédio invencível, corro ao *Moutin Rouge*, que é, com as suas cançonetas depravadas, as suas *gommeuses* impudicas e as suas *danseuses* quasi nuas, um lugar equívoco, meio theatro e meio harém. No terraço, grupos suspeitos, beberricando *cocktails* e absorvendo *bocks*, concertam planos mysteriosos; nas frisas, todo o publico bizarro de *cocolles*, reluzentes de joias e vestidas com os requintes do luxo, umas, bellas e jovens, quasi todas, velhas, com o ar das hetairas de Abel Faivre e a carne bem maquilhada, *noceurs* estrangeiros, velhos desequilibrados e janotas perdidos com modos insolentes; e na platéa, uma multidão de *badauds* e *fétards* ávidos de luxurias que lhes galvanisem os nervos de tarados. À memoria vem-me aquella litania macábra de um encanto oppres-

sor e malsano que Samain dedicou á Luxuria,
esse inferno da carne, monstro tentacular que
domina o mundo, devorando os membros e as
entranhas com a soffreguidão de uma fome
insaciavel :

Luxure, fruit de mort à l'arbre de la vie,
Fruit défendu qui fait claquer les dents d'envie.

Chimère d'or assise au désert de l'Ennui.
Fille infâme du vieux désir et de la Nuit.

Diamant du Péché scellé sous les sept voiles.
Feu du feu, sang du sang et moelle de nos moelles.

Sorcière de Bohême aux philtres souterrains.
Succuse des cerveaux et dompteuse des reins.

Je te salue, ô très occulte, ô très profonde,
Luxure, Pavillon de ténèbres du Monde !

Luxure, avènement des sens à la splendeur.
Diadème de stupre et manteau d'impudeur.

Nudité, jardin rose et divin de la femme.
Paradis de la chair qui fait sangloter l'âme.

Longs cheveux balayant l'air enivré des soirs.
Sombre incantation des odeurs. Parfums noirs.

Grandes cuves du sang qui chante. Fleurs d'ivresse,
Frissons, vagues toujours plus lentes des caresses.

Caresse au long des nerfs... Caresse infiniment...
Caresse au long des yeux... Évanouissement...

Musique dans les fleurs trop douces... Défaillance.
Languide archet d'extase aux cordes du silence.

Lèvres ! lèvres ! Baiser qui meurt, baiser qui mord.
Lèvres, lit de l'amour profond comme la mort.

Jc te salue, ô très occulte, ô très profonde
Luxure, Étoile pourpre au ciel triste du Monde !

Depois de ouvir Jane Merey, flexivel e longa, cantando ao som da musica excitante de Margis, applaudir o bello canto de Regina de Sábá.

Princesse du battage et reine du chiqué,

vestida de seda e oiro, neurasthenica e exgotada, e vibrar com as contorsões de ventre da tentadora turca Abd-el-Kader, eis que surgem, num fundo azul e verde, ao som de uma valsa lenta que fluctúa na sala como uma revoada de beijos, vaporosas e sensuaes, Amylles e Miosys, duas creaturas muito mimosas, trajando á grega, envoltas num alvo *kiton* diaphano que lhes modela as curvas dos seios e dos quadris, os cabellos apartados em bandós cingidos pela *bandelette* grega, e que são como encarnações dessas deliciosas estatuetas que nos fazem lastimar não termos vivido naquelles tempos magnificos em que ellas foram modeladas. Tendo um sentido mais ou menos perfeito da plastica, as duas *danseuses* do *Moulin Rouge* revelam-se artistas em suas dansas gregas que são indubitavelmente duma arte pura, muito nobre e muito delicada. As pedras gravadas e as decorações antigas podem dizer que as dansas de Amylles e Miosys não são a reconstituição exacta das choreographias da antiga Hellade, mas sinto bem que é a alma esplendorosa da Grecia pagã que evocam e fazem radiosamente palpar. Não ha duvida que esse resuscitar de velhas

visões é um espectáculo fascinante de belleza, e muito promettedor, querendo crer que assistindo estamos á renascença da religião do rythmo. Todo character sagrado, expressivo e hieratico das dansas gregas parece resuscitar com a graça das bailarinas modernas que á reconstituição da choreographia antiga allia o encanto de seus gestos. Salomé, com a dansa dos sete véos, creou uma legenda tragica mas radiosa, e é seguindo a tradição da filha de Herodiades que Isadora Duncan e Maud, por exemplo, produzem poesia e arte com a graça de seus corpos leves, flexiveis e ondulantes e com aquelle impudor simples digno das selvas sagradas e das festas da Hellade antiga. Na cultura da eurythmia humana, essas modernas sacerdotisas de Terpsychore renovam os dias pindaricos e elevam á altura de um culto a sciencia dos rythmos, dos movimentos e das attitudes humanas. Num livro curioso, no qual se mostra conhecedora de todas as philosophias, de todas as litteraturas e de todas as artes, e se proclama discipula de Frederico Nietzsche, Isadora Duncan escreveu que a dansa nada mais é que a transposição do rythmo universal ao rythmo humano, animado pelo impulso musical do espirito, e deve ser apresentada sem nenhum disfarce. A dansa de Isadora Duncan é a animação da esculptura feminina, e os movimentos plasticos são reproduzidos das ánphoras, dos kermóphoros e dos kaladismos. Ella passou dias inteiros nos museus, e, segundo sua propria confissão, viu os

marmores animarem-se como se fossem estatuas vivas. Á attitude extatica das figuras esculptoricas junta o gesto animado, completando assim o poema da fôrma pelo movimento harmonioso que dá vida ás linhas. As suas dansas provocam o sonho, e bailando nocturnos de Chopin, sonatas de Beethoven e symphonías de Strauss, dá-nos a sensação do infinito... Ao assistir as dansas de Miosys e Amylles, vejo que o corpo humano é realmente uma fonte inexgotavel de alegrias e de surpresas, revela sempre aspectos ignorados e ineditismos estheticos surprehendentes, produz visões artisticas admiraveis...

Segunda-feira, 15.

Nós gosavamos, eu e Souza Barros, nessa bella tarde de julho, o tepido ambiente perfumado de um *appartement* luxuoso, um modelo de conforto discreto e artistico, revelando a marca do mais subtil bom gosto femenino, um ninho de cousas delicadas e refinadas, com preciosos *bibelots* d'arte e espalhados sobre os ricos moveis adoraveis objectos de amor, photographias, bellas obras illustradas e pequenos volumes, nas paredes alguns pasteis de Guillaume representando scenas da vida de Monte-Carlo e uma doce paysagen do jardim do Luxemburgo assignada por Chabas, nos finissimos

jarrões de Sèvres muitas flores, raras, inquietantes e voluptuosas, cujo perfume dizia bem a côr dessa alma de mulher que imperava, rainha da belleza e da graça francezas, nesse minuscuro reino. Souza Barros, estendido indolentemente sobre um divan, lançando para o ar o fumo leve de seus cigarros Bird's Eye, os olhos fitos em Liliana de Fernay que animava com seu perfil 'sinuoso aquelle 'decoro bem parisiense, fallava-me da sua ultima viagem á Europa, evocava paysagens e aspectos, typos e cousas do velho mundo, e contava-me seus ultimos amores. Do amor, tem uma concepção bizarra, e como não crê possivel amar a mesma creatura por mais de vinte e quatro horas, ama a todas as mulheres e, irresistivel, todas as mulheres o adoram. Dotado de um temperamento de um ardor todo Luiz XV e alterado de elegantes luxurias, o amor, para elle, é a mulher que se entrega inteiramente, sem segunda intenção, sem preoccupar-se se será amada no dia seguinte. Joven, formoso e rico, o physico malicioso e seductor, em torno da sua mocidade, aureolando-a, a legenda do homem que não póde se achar em presença de uma mulher, qualquer que ella seja, sem sentir uma emoção, um desejo de posse immediata, esse Souza Barros, cuja unica preocupação na vida é o estudo da arte muito aristocratica de não fazer absolutamente nada e o uso de tres banhos tépidos por dia, estando pelo seu nascimento, pela sua fortuna, pela sua indolencia e pela sua paixão pouco ordinaria

para o prazer, destinado a um lugar na nossa diplomacia, Souza Barros é um typo de verdadeiro sybarita, com uma philosophia profundamente sceptica do mundo e um conceito epicurista da vida, que ama os prazeres subteis e secretos, as alegrias ardentes e os peccados mais ardentes ainda, e sente na sua alma de *gamin* a attracção irresistivel da divina Lutécia. Os esplendores mundanos de Paris, que o hospedou por vinte longos mezes e lhe revelou um mundo até então para elle desconhecido, fizeram de Souza Barros uma creatura original no nosso meio. Paris... Paris...: as duas syllabas magicas cantavam-me nos ouvidos uma canção de amor, e os seus *boulevards* e os seus jardins, os seus theatros e os seus *cabarets*, a Opera e o Louvre, Montmartre e o Bairro Latino, o *Bois* e o *Café de la Paix*, toda a vida mysteriosa, complexa e vertiginosa da grande cidade, evocada pela palavra scintillante de Souza Barros, passava ante meus olhos com a rapidez das fitas cinematographicas, emquanto Liliana, o corpo esbelto envolto num vestido *Empire* côr de gemma de ovo, cantarolava ao som do piano umas estrophes bregeiras de uma cançoneta *montmartroise*. À conversação vieram as joias de Carolina Otero, os amores peccaminosos de Liana de Pouggy, a loira cortesã que *Tout-Paris* conhece atravez de suas aventuras e de suas confissões, as scenas lubricas dos *music-halls*, as noites licenciosas de Montmartre, e mil cousas mais. O meu amigo tirou

um cigarro, accendeu-o, e recostando-se no fôfo divan, narra-me, sem a menor emoção, o fim tragico de sua ultima amante, uma *chanteuse* do *Café des Ambassadeurs*, que, depois de uma noite de verdadeira orgia latina em que se fizeram juras de amor eterno, se suicida, no dia seguinte, ao saber que seu *amant du cœur*, envolvido num assalto nocturno, como chefe de uma quadrilha de *apaches*, tinha sido morto á tiros pela policia. « Nesse mesmo dia, dizia-me elle então, deixava o ruido dos *boulevards* e as gambiarras dos cafés-concertos, e partia mysteriosamente para o campo, mettido no meu largo sobretudo inglez, com duas passagens de ida e volta e a ultima brochura de Marcel Prévost... » Souza Barros é positivamente tudo quanto ha de mais *nouveau jeu* nesta terra.

Sexta-feira, 19.

Todas as quartas feiras tenho um talher á mesa de Madame Lydia Cavalcanti. Ha dias, no Lyrico, depois de termos communicado idéas sobre a arte inexcedivel de Marthe Brandés, a genial interprete da *Amoureuse* de Porto-Riche, ella me disse, rindo : « Não falte amanhã, entre os meus convidados ha uma pessoa interessante, muito curiosa, que digo eu? *fatal*. Acautele-se, pois, contra o maleficio. » Toda perdão

e indulgencia, superiormente bôa, viva, alegre, sempre risonha e sempre arguta, a um tempo espirituosa e espiritual, sabendo viver sem luxo mas com conforto, com uma sciencia voluptuosa da vida alliada a uma forte inclinação para o romantismo, espirito independente e amando a liberdade, o cerebro fortificado por boas leituras, toda impregnada do ambiente das mulheres do segundo imperio francez, em summa, tres vezes nobre, pelo seu nome, pela sua distincção e pela sua intelligencia, Madame Lydia Cavalcanti é uma dessas creaturas que têm o direito de ser feliz. Formosa e elegante, não está muito perto da segunda juventude, ha alguns annos que ultrapassou os trinta, mas conserva uma admiravel vivacidade e um intenso sentimento da vida, bastantes fortes para dar uma illusão da mocidade : o segredo da belleza sem maculas de Pompadour estava na graça imprevista que em tudo incutia. Depois, ella possue uma virtude rara, rarissima mesmo, o genio da diplomacia. Nas suas relações, e estas são innumeradas e as melhores da nossa sociedade, sabe sempre em todas as circumstancias, guardar as conveniencias, ser prudente e tornar-se discreta : *sempre a tempo e sempre a proposito*, podia muito bem ser a sua divisa, e a regra de conducta de todas as mulheres. No dia seguinte, era eu apresentado a Vera Castro, a mulher irresistivel e fatal. Hieratica, a fronte bella e altiva, um claro rosto quasi oval, o nariz alevantado, a bocca sibylina, com uma expres-

são singular, intensa, sobrehumana, os cabellos loiros, fartos e ondeados, penteados á moda antiga, é bem o typo da *française*, tal como reproduziu La Gandara no famoso retrato da condessa Mathieu de Noailles. O corpo, sobretudo o seu corpo, tem essas linhas maravilhosas das esculpturas antigas «divinizadas pelo fogo da paixão e pela angustia da morte», e é uma expressão concreta da sua alma ardente, apaixonada, impetuosa e sensual, mas nenhuma estatua me deu ainda da belleza uma impressão mais harmoniosa.

Chair de la femme, argile idéale, ô merveille!...

Não deixei um instante sequer de observar attentamente, analysar, prescrutar, a alma dessa esphynges sem segredos, perigosamente formosa e tentadoramente joven, mas dessa belleza perturbadora das estatuas creadas pelos genios que sentiram todas as corrupções da arte e dessa mocidade exuberante das meridionaes, e vi que realmente o sortilegio plastico de sua belleza impeccavel deixava a gente sobremaneira asse-diada de torturas violentas, é tão poderoso que concentra os desejos dos homens e até os das mulheres. Não ha duvida : Vera Castro é uma mulher que encanta, que fascina, que seduz, que perturba irresistivelmente. Os seus sorrisos, os seus olhares de um vivo fulgor, as intonnações de sua voz languida, produzem a sensação de caricias carnaes. Ninguem que

a veja, sob a influencia do seu olhar intelligente e perturbador, ouvindo a sua voz avelludada, poderá deixar de sentir esse *frisson* inexplicavel que perturba os homens, despertando caricias occultas e sensações extranhas, accendendo na memoria passadas volupias e as imagens de todas as sensualidades. Todas as vezes que, sem o querer, involuntariamente amorosa, aos olhos de todos, ella faz um daquelles seus gestos felinos e sinuosos, envolve-nos de mil fôgos. O proprio ar que se respira, está todo abrasado pelos desejos secretos que ella, impenetravel a si mesmo e extranha ao seu proprio mysterio, desperta em redor. « Sim, meu caro, dizia-me Madame Lydia Cavalcanti, em pé no primeiro degrau da escadaria de seu palacete, estendendo-me a sua mão macia, feita de petalas de rosas, Vera é realmente uma mulher fatal. A sua belleza é feita de muitos mysterios, é daquellas que têm no mundo uma influencia sensual, parece tecida por um sortilegio nocturno. Não lhe aconselho, pois a que volte a approximar-se della. Tome cautella, vigie bem seu corpo e não o poupe a exorcismos. » Saio de Madame Lydia Cavalcanti alvoroçado, tendo no coração uma inquietitude e uma curiosidade indefiniveis, sob a magia daquella belleza que accende o desejo de carnes divinas e palpitantes. Voluvel, angulosa, virtual e fluida, minha alma della procurará fugir, certamente, receiosa de que me infunda os germens do desejo, da dôr, do crime e do remorso. Na verdade, é preciso ser forte e ser

heróe para resistir á fascinação dessa creatura tão extranhamente formada em que se encontram todas as tentações do eterno feminino, a *Nossa-Senhora-da-Sedução...*

Segunda-feira, 29.

Helios Seelinger, o moço pintor que arranca ao tragico-burlesco da vida contemporanea symbolos que gritam de dôr e de indignação, de pavor e de miseria, de ridiculo e de crime, delirantes de luxurias e soffregos de luz consoladora, e exhibe funambulescamente figuras que riem como ulceras, que fazem carantonhas biltres, que choram convulsas de amargura e de angustia, que se extorcem desesperadamente como em agonia final, é um dos nossos artistas mais extranhos, mais originaes e mais fecundos, a sua obra possante e impetuosa, sendo bastante para justificar o apreço, a estima e a admiração que todos nós lhe consagramos. Nestes ultimos tempos, tem-se fallado muito do visionario do movimento e da chamma, e a proposito de suas bacchantes e dos seus faunos, das suas scenas e interiores de *music-halls*, das suas dansarinas e dos seus *noceurs*, cita-se Goya e Forain, Burnes Jones e Rops, Franz Stuck e Henri des Groux, Gustave Moreau e Beardsley, os primitivos italianos e os preraphaelistas teutonicos. De facto,

a sua obra lembra ás vezes as sacerdotisas de Alma Tedema e o *décor* de Leandre, a maneira de Giotto e o talento de Whistler, a technica de Da Vinci e a ironia de Felicien Rops, as figuras caras aos pintores da renascença italiana e os motivos de Steinlen. Helios conhece todos seus mestres e delles aprendeu o que era mister tomar, mas, a sua visão quasi caricatural do mundo, a sua philosophia profundamente exotica das cousas, a extranha piedade que lhe inspira essa humanidade, torturada pelas taras e pelas anomalias, perseguida pelos vicios e pelas luxurias, dolorosa e pervertida, e a sua perturbadora esthetica, têm o *caché* da sua esthesia, a mais singular entre todas as que conheço. Voluptuoso, impulsivo, enfermo, pessimista, tarado, com uma vida anormal, conhecendo todos os soffrimentos e todas as podridões da sociedade, observador dotado de qualidades excepcionaes de analyse e de synthese, com uma sciencia quasi especial do desenho, visionario e decadente, no fundo, um pouco barbaro e cynico, mas cynico á maneira antiga, Seelinger é um Goya sensual que, tendo nas veias o sangue de Rops, pinta á maneira de Degas. Tendo partido ha quatro annos para a Europa, depois do ruidoso successo obtido no *Salon* de 1903, não tinha delle noticias, quando hoje recebo de Luiz Edmundo, um dos melhores amigos do artista do *Fogo*, do *Remorso* e dos *Faunos*, esta carta impregnada d'*esprit* e de graça, cheia desse humor que todos sabemos

nelle expontaneo, natural e sadio, em que me falla de Helios, de suas tendencias actuaes, dos seus projectos artisticos e da sua obra em formação : « Paris, maio, 6. Tu me pedes noticias do Helios, desse Helios que tão fraternalmente nos unia ali, no Rio, na mais legitima e mais adoravel das bohemias, e eu t'as dou e frescas, porque, justamente, acabo de pagar o *taxi* que me trouxe do seu distante *alelier* em Montparnasse ao hotel onde habito. Um dos meus primeiros cuidados, ao chegar em Pariz, foi ver Helios Seelinger; mas como o sabia no campo, partido mysteriosamente, esperei que o fim da primavera o devolvesse de novo ao ruido do *boulevard*. Hontem, depois de uns *refrains* de Montoya e Fallot no *Noctambules*, entre a turba ruidosa de estudantes e *rapins* do Bairro Latino, sorvia eu muito pacatamente o meu *bock*, quando se plantou diante de mim uma figura, que outra não era sinão a do nosso querido bohemio, espantado e tonto por me ver em terras tão extranhas. — Helios ! E cahimos nos braços um do outro. A nossa expansão meridional (que é da nossa raça a expansão em gestos e gritos) de resto em nada impressionou a numerosa clientela do alegre *cabaret* pezar do nosso ruido formidoloso. Achei-o magro, pallido, como uma creatura que viesse, não do campo, mas de longas e pesadas vigalias. Multiplicamos os *bocks* e as confidencias, enquanto em torno a nós a fumarada espessa dos cachimbos subia e o piano acompanhava o trecho qualquer de uma cançoneta

bulhenta e em voga. Mas o *cabaret* não nos interessava. Sahimos. Sahimos e tomamos por varias complicadas ruas até eahir na Avenida do Cães, toda pontuada de luzes, vendo do outro lado, uma mancha luminosa que para os céos subia, do outeiro de Montmartre. Recordar é viver, e esses instantes foram dos melhores da minha vida. Foi um recordar sem fim, dos tempos do Rio. — E os almoços do *alelier*, na Guaratiba, que terminavam sempre com um phantastico *cake-walk* dansado em torno daquelle bravo piano que resistia como um heróe ás punhadas valentes de toda uma legião de bohemios? — E os jantares no G. Lobo, eontados, tão alegres, tão ruidosos? — E sobretudo tão baratos. — E as eelebres noites do Café Pariz? — E o Malagutti, Araujo Vianna, Camerino, Fiuza, Calixto, Simas, Raul?... Atravessamos a ponte do *Carrousel*, tomamos a Avenida da Opera, como se tomassemos a rua de Catete. Nós positivamente estavamos entre voêds, no ruido da nossa vida foliana, caminho daquelle *alelier* de Guaratiba e por onde se entrava içado por uma corda, isso quando a antiga e complicada feehadura seismava em não obedecer a chave ferrugenta e enorme que se guardava, em baixo, no açougue. Quando nos despedimos ás 4 da madrugada, no *Rat Mort*, eu prometti ir vel-o no dia seguinte. Fui. Ao entrar, Helios fazia fumegar um complicado e custoso eachimbo allemão enquanto Stanembreeher, que voára, um mez antes de mim, no *Allantique*, numa

banqueta de couro, cantava em voz alta os *couplets* do *Tout-Paris*. — O sisudo Stanembrecher cantando trechos de musicas livres !... Oh Pariz ! Pariz !... Como transformas as almas, mesmo as mais austeras e sisudas... Vi toda a collecção de quadros que o pintor fez desde que aqui chegou. Cabeças a oleo, pasteis, aquarellas, carvões, uns terminados, outros ainda em largo esboço. A princeza Mathilde, em todas as posições, olhava das telas com o seu olhar inquisitorial e ciumento. Lembrei-me do Paulo. Helios é positivamente um trabalhador e um fecundo. É inacreditavel como elle tenha tanta cousa começada e prompta. Só da sua recente viagem á Italia tem para mais de quarenta estudos. O *atelier*, todo elle, está forrado de *manchas* e *croquis*. E admiravel ainda, é ver como o bohemio consegue um certo methodo para o seu trabalho intellectual. Hora de trabalho é hora de trabalho, diz elle, e, pincel entre os dedos, deante do cavallette, alli se absorve dia inteiro, dando sempre a sua *concierge* o fatal recado : *Monsieur n'est pas là*. — E o *Fogo*? disse. Já se falla no Rio deste teu quadro. É uma creação symbolica? É a Salamandra, Phenix ou um genio singular vomitando labareda sobre o peccado e sobre o mundo? Nada disso, mas uma téla de bastante valor. A apotheose da chamma; o fogo devastador que, forte como os deuses, lucha com o homem. Era essa terrivel lucha que se alastrava pelo quadro, numa furia enorme, de onde a Morte, o Dessespero e a Dor em varias cores

e em tetricos matizes, passavam macabramente e subiam para um céu, todo uma cupula de trevas e de sangue. Bello, realmente, meu amigo, mas apesar de tudo eu te garanto que esse quadro me revelou novo homem e novo artista, e, pése embora dizer-te não me agradou por completo, porque a sua concepção esthetica absolutamente não corresponde áquella forma original e exquisita que fez de Helios, entre nós, um pintor caracteristico. O *meio* transforma-o. Não me detenho em analysar com essa tela outras pintadas aqui, porque a comparal-as com as de hontem, prejudicaria, certamente, aos olhos de alguns, a reputação artistica desse delicioso pintor que perde em Pariz a sua grande e quasi victoriosa originalidade. Quem teve a intuição de arte que elle teve, não póde mais ser discipulo de ninguem; é discipulo de si mesmo no seu *atelier*, com o seu modelo e o seu ideal, e Helios parece um fascinado pelos academicos, de hoje e pretende mesmo que a sua obra passada nada vale deante do que produz e produzirá. E essa convicção nelle é tão forte que fallando não sei de que quadro seu — se do *Remorso* ou do *Sangue*, disse : — *Aquelle meu quadro nephe-libala...* Parece um erro. Dahi... Amanhã, quando elle souber photographar mechanicamente, com o seu pincel, como essas creaturas que adora, todos os musculos de um braço, terá apagado, com certeza, a sua individualidade. Emfim, talvez seja isto uma maneira de ver; e se elle já não vê em Stuck aquelle extranho mestre que

via, fal-o concisamente e cada vez mais cheio dessa ancia louvavel de subir e de vencer. É o que, por emquanto, posso te mandar dizer desse Helios que todos nós aprendemos a amar como um grande e querido irmão. » Luiz Edmundo tem razão.

Quinta-feira, 17.

No celebre *rez-de-chaussée* da rua Barão de Flamengo, onde, todas as noites, entre uma partida de *bridge* e o chá, um grupo de rapazes elegantes, cultos e distinctos, reunidos por laços academicos, pela familiaridade dos *restaurants* e dos *clubs*, e por essa maravilhosa *sympathia* que une sempre as gentes de qualidade, commenta com espirito e malicia os *potins*, os escandalos e as anedotas do dia, encontro sempre a Pedro Leon y Villar que as chronicas converteram num *sieur* Pamard á moda. Para mim, num meio pouco menos do que inculto, quasi idiota como um conceito do sr. Paul Doumer, numa terra sem habitos elegantes e sem vicios requintados, não ha maior prazer que ouvir a palavra nobremente polida desse pequeno monstro do ironia. Leon y Villar é um homem superiormente intelligente, e deliciosamente ecantador no trato intimo. Sempre com um sorriso *bon enfant* e maneiras fidalgas, sem affectação e sem *pose*, conversa sobre todas essas cousas

que constituem o encanto da vida com brilho e humor communicativo, com uma volubilidade e um encanto que fazem delle um *causeur* como agradaria a *Monsieur de Bergerat*. Soberanamente culto, conhecedor como poucos da historia de todas as preciosas do seculo da galanteria, profundamente sceptico, mas desse scepticismo seculo XVIII tão caro á Renan e que perfuma as obras primas do incomparavel Anatole, e algo perverso, delle poderei dizer que é um fidalgo antigo com o aspecto de um *clubman* moderno, sabendo que

Le vrai sage est celui qui fonde sur le sable
Sachant que tout est vain dans le temple éternel
Et que même l'amour n'est guère plus durable
Que le souffle du vent ou la couleur du ciel.

Na ala brilhante dos novos escriptores, tem elle, pela nobreza dos gestos e dos sentimentos, pelo imprevisto dos seus conceitos e audacia dos seus paradoxos, pela sua visão esthetica da paisagem e do mundo, pela distincção que imprime á sua seductora individualidade e pela sua *façade* original, bizarra, inconfundivel, um lugar á parte. O que já devemos a sua finissima intellectualidade é sufficiente, penso, para dar uma medida exacta do incontestavel valor da sua prosa feita toda ella de meias tintas, sobriedade, subtilidade, elegancia rara, bom gosto, ironia suave e scintillante, graça penetrante e suggestiva — prosa ductil, diamantina e fulgurante. Quasi nada sei de sua vida intima, e, no entanto,

é d'elle que eu mais desejo que me fallem os poucos que, em redor de mim, o conhecem. Os raros episodios que della conheço, confirmam a existencia de uma personalidade aristocratica, desdenhosa do vulgar, incapaz de pensar com a multidão, frio, calmo e de uma indifferença profunda para as cousas que não lhe dizem respeito. Nisto, elle se parece com *Monsieur d'Amercœur*, o heróe de um dos romances de Henri de Regnier : « Tout homme à s'expliquer se diminue. On se doit son propre secret. Toute belle vie se compose d'heures isolées. Tout diamant est solitaire, et ses facettes à rien ne coincident, à rien d'autre qu'à l'éclat qu'elles irradiant. On peut, pour soi, et encore, avoir vécu chacun de ses jours; aux autres, il faut apparaître intermittent. Sa vie ne se raconte pas, et il faut chacun à chacun le plaisir de se l'imaginer. » Se, nas relações com os homens, mostra-se absolutamente reservado, prudente e discreto, no commercio com as mulheres a sua bizzarria vai ao ponto de exigir dellas que não cream nas suas palavras nem nas suas promessas. Os amores cujo desenlace é a posse, são, para elle, de uma banalidade quasi criminosa e compromettedores, e a paixão uma forma de cretinismo organico que reclama tratamento severo. No capitulo das mulheres, o *flirt* é a unica cousa interessante e praticavel, porque não traz compromissos, não nos obriga a fallar a verdade, mas, pelo contrario, nos torna estimado e estimavel : é o maior vehiculo de popu-

laridade querida entre as mulheres. Pedro Leon y Villar, tem uma philosophia bem singular do amor, do feminismo e dos maridos de mulheres bonitas. Assim, por exemple, ao pensar d'elle, a mulher não é um fim na vida : é o que deve ser, um simples accessorio, um *affiche*, um motivo esthetico, e muitas vezes até um objecto superfluo, as paixões dos amigos interessando-lhe muito mais que as proprias creaturas que as inspiraram. Inquirido um dia violentamente pela muito espirituosa Madame Lydia Cavalcanti sobre esta paradoxal maneira de conceber o amor, elle disse, com a sua calma quasi cynica, cynica á moda antiga : « Não sou um homem que de todo despreze as mulheres : amo os velhos brocados, as rendas, as sedas lavradas, as luvas bem justas, um pé bem modelado, os chapéos confeccionados com arte, os bronzes verdes, os marfins, as joias exquisitamente trabalhadas e gosto sobretudo de sentir a caricia de uma mãos languidas, suaves e avelludadas. » Numa hora fugitiva de intima confidencia, dizia-me elle um dia : « Ha mister guardar sempre trez quartas partes daquillo que se poderia dispensar, não se entregar inteiramente ás mulheres e as cousas do coração, mostrar-se reservado nas suas acções e nas suas palavras, não ter sentimentos excessivos nem gestos violentos » Pedro Leon y Villar regula os movimentos de sua alma segundo essa lei do *il faut remettre toute chose au point* e, para conservar intacta sua liberdade, nunca deixa o seu indefectivel

monoculo, porque elle lhe permite ter dous olhares : um, transparente, para considerar o innndo e outro, sem disfarce, para exprimir algumas emoções escolhidas, e de cada um se serve com discernimento. Na sua vida e nas suas obras, é elle, no sentido verdadeiro da palavra, um homem de lettras, um desses bons lettrados que põe nas suas paginas o mesmo escrupulo com que organisa a elegancia das suas bellas roupas, o arranjo de sua casa e o prazer de sua existencia.

Sabbado, 25.

O dia de hontem foi para mim, tão cheio de pequenos episodios e de grandes emoções, ao mesmo tempo, tão triste e tão alegre, tão estranhamente agitado, que, ao recordal-o, me perturbo. Toda a tarde passei na companhia da « loira Zaffeta », de Scarfoglio, creatura que, em scena, pela sua maneira de representar, pela emoção discreta, pelo gesto expressivo e pelo seu modernismo requintado, lembra Réjane, e, como mulher, não é outra cousa senão o passado com os amores, a vida plethorica de energias, a ancia de dominio e a sede insaciavel de sensações exóticas. Embaixatriz da graça e da belleza italiana, quando appareceu a primeira vez ao nosso publico, com seus ricos ves-

tidos de brocado e de seda, seus cabellos loiros como reflexos de sol, seus olhos perturbadores e brilhantes, seus sorrisos maliciosos, corpo e alma de uma deusa joven,

... ivre de sa gloire et de sa beauté blonde,

foi o eccandalo, o orgulho e a alegria de toda uma multidão,

..... éprise, foule d'amour, envoûtée
De sa chair, de ses yeux, dévote à sa beauté.

Alta, esbelta, ondulante como as figuras vaporosas de Clouet, voluptuosa e morbida, com uma elegancia muito singular, tudo nella é fino, polido, rythmico, e o seu corpo tem esses movimentos harmonicos e imperiosos que valorizam uma mulher e a tornam rainha. Será bem difficil dizer em que reside o segredo de sua força de seducção : o que é verdade, porém, é que ella possui todo um mundo desconhecido de inebriantes encantos. Sobretudo, as suas mãos delicadas, pequeninas e afiladas como hastes, mãos aristocraticas, nervosas, pallidas e fluidas, como as mãos de uma princeza de Wislers, são tão exquisitamente formosas que poderiam servir de modelo para completar a belleza corporea da Venus de Milo. Para suggerir a impressão que essa creatura produz, só poderei invocar a memoravel imagem da « Primavera », de Sandro Botticelli, o divino. Houve um momento, ao ler as « Lettere a Lydia », umas cartas impre-

guadas de ardente lyrisino e forte sensualismo, em que em senti irresistivelmente inclinado a acreditar que Lydia, a Lydia leukolina, não passava de uma cabotina muito bella, mas sem talento, endeusada pela imaginação hellenica de um joven amoroso. Hoje, depois que a applaudi em « La Modela », e que a conheci na intimidade discreta de seu silencioso « boudoir », onde a fui encontrar cercada de flores e de caros objectos de arte, numa hora de gratas recordações e de fundas nostalgias, não me recusarei a ver na figura seductora dessa romana, dispondo da formosura, da mocidade e do talento, o symbolo magestoso e terrivel da natureza feminina do XVIII seculo, sensual, batalhador, ironicamente philosophico e deliciosamente perverso, reivindicando os seus direitos contra a hypocrisia da nossa época. Nesse dia, inquerida sobre a sua vida de liberdades e prazeres, consumida em viagens longinquas e gosos requintados, por entre raças e civilisações diferentes, ella me fallou como a um velho amigo, com a sua voz intima, verdadeira, natural, não a que ouvimos nos dialogos espirituosos de Hennequin, Feydeau ou Testoni, senão a outra, melancolica, acariciadora e insinuante, a voz do coração, e, entre sorrisos desconsolados e ligeiras exclamações, evocando sensações mortas, confessou-me que valia mais ter amado e perdido, que não haver amado nunca. Os seus gestos eram lentos; as suas mãos brancas como lyrios, tinham, ao mover-se, a leveza de azas; uma

sombra morbida e ligeira, semelhante a fusão da violeta e do azul idealmente ternos, circumdava-lhe os olhos; e do seu leve corpo de fada, irradiava uma tenue emanção sensual, que perturbava os sentidos. Ao seu lado, sentado numa larga poltrona, apollineo e elegante, todo elle cheirando a oppoponax, com uma maravilhosa orchydea na lapella e uma vaga inquietação no fundo d'alma, o joven diplomata Luiz da Silva Dantas, seu velho camarada de Roma, envolvia-a com uns olhares accesos e convergentes, bebendo pelas pupillas dilatadas, a fascinação voluptuosa que vinha della, e discorria sobre a piedade e o amor com phrases ironicas, emquanto a « loira Zaffeta » se deliciava cruelmente em desfolhar as flores que havia nas jarras. Os seus labios cheios de angustia, não me revelaram senão uma pequena parte de seus segredos, mas eu soube comprehender, sem longo esforço, muitas cousas infaveis, que exprimia o sangue eloquente que de quando em vez subia ás suas faces. A lembrança da sua mocidade é toda uma legenda romanesca de mortes, suicidios, duellos e desastres. Os seus languidos olhos viram correr sangue; alguns de seus amantes se mataram, por não poder domar seu coração; o perfume de seu seio enlouqueceu mais de uma creatura; a visão de seu corpo perturbou por longo tempo as vigílias de um joven monge; e até um principe russo a teve nos braços, exangue, quasi morta, depois de uma aventura cheia de perigos e

riscos, dias antes de partir para o exílio, sem esperança de voltar. Lydia Gautier tráz, pois, ha longo tempo, em sua alma, o esplendor dos destinos grandiosos e tragicos, tendo vivido muitas vidas, passado por mil modos da dôr e sentido as mais extranhas sensações. «A tristeza se apodera novamente de mim, disse-me ella, ao despedir-se. Fazem-me muito mal as recordações e de nada serve lamentar-se a gente sobre o tumulto : porque o passado, como affirma o poeta, é um tumulto que não restitue nunca os seus mortos. Tenho agora necessidade de repouso, e antegoso já a doçura, o conforto, a paz de uma casita florida que me espera em Italia num canto ignorado de Roma, uma casa que tem rosas muito bellas, cyprestes muito altos e um campanario do velho estylo lombardo, que remonta, certamente, ao seculo xiv, construida na encosta de uma colina. Ahi viverei, sem as imagens illusorias da vida e sem enganos ledos, e certa de que o lindo céo italiano, a bella paysagem da minha terra, a leitura edificante de meus grandes lyricos e a contemplação serena dos marmores, illuminarão a minha existencia de uma luz nova, suave e consoladora. » Lydia dizia estas palavras cheias de um ardente desejo de paz, numa atmosphera de uma exquisita feminilidade, com uma voz de melancolia e de tédio, nervosa, tremendo de impaciencia, vivendo uma existencia em cada segundo, e mostrava até o semblante de humildade daquella exquisita creatura que, no sonho do poeta florentino, aspirava tambem o reino da paz.

Sexta-feira, 31.

Tenho a curiosidade dos *music-halls*. Nesta terra sem peccados elegantes e sem vícios requintados, os cafés concertos, como a vida fébril dos bastidores e dos circos, são um esplendido livro a escrever, assombroso de pittoresco e poderosissimo de emoção. Sem recorrer a documentos, essas miseras creaturas, cançonetistas e acrobatas, dançarinas e malabaristas,

Vénus des carrefours, des cirques et des bouges,
Vénus des matelots et des cochers urbains,
Vénus des lupanars, des gitons et des gouges,
Vénus aussi des dieux et des Césars romains,

que todas as noites applaudimos ou apupamos, metidas em seus vestidos de côres escandalosas, de lantejoulas de prata e escamas doiradas, sem voz, sem graça, ás vezes com um resto de belleza, outras com traços de males incuraveis, quasi todas de um cynismo revoltante e de uma ignorancia que irrita, têm um passado desgraçado, uma legenda tecida pelo crime e pela torpeza, uma historia cheia de lances tragicos que nos enche de piedade. Numa noite de chuva e de tedio, altrahido, como qualquer *badaud* provinciano, pelos compassos de uma valsa de Fragerolle que tocava a orchestra e pelos applausos que reboavam na sala do *Moulin Rouge*, achei-me perdido no meio desse publico drolatico de

luris eroticas, *cocolles* histericas, abusivamente pintadas e emplumadas, e *noceurs* devassos, estes á procura de sensações que lhes abalassem os nervos gastos, enfermos e arrebatados e aquellas em busca do *miché* redemptor. A sala repleta, sob a clara luz dos globos electricos, palpitava, accendia em desejos violentos, fremia luxuriosamente. A companhia do *régisseur* retiniu com violencia : ia começar a segunda parte. O programma annunciava duas estréas : Decourcelle, *diseuse grivoise*, e Manette d'Otti, *chanteuse gommeuse*, e um novo numero de acrobatas exentricos. O velario correu, e D'Albert, obésa e muito pallida, desgraciosa e antipathica, mas com uma invejavel dicção, dizia sem brilho o primeiro numero, uma cançoneta extraordinariamente devassa, e em seu rosto se estampava a fadiga immensa da luta pela vida. *Oh! bon Dieu des gigolettes...* Seguem-se os dois acrobatas americanos, Walker e Baby, que divertem a platéa a valer. Logo após surge Ida d'Harcourt, que, vermelha e ondulante como uma chamma, começa a cantar com lentidão, aos sons da musica de Xanroff, a celebre cançoneta de Yvette Guilbert :

Vrai, d' te savoir comme ça sans l' sou,
Je m' fais un' bile.
T'es capab' de faire un sal' coup,
J' suis pas tranquille.
T'as trop d' fierté pour ramasser
Des bouts d'cigare,
Pendant tout l' temps que j' vas passer
A Saint-Lazare.

A canção continua, e as intonações da voz accentuam-se, sublinhando, com impertinencia, as phrases crueis que deixavam advinhar as imagens perversas, as malicias mysteriosas e os ditos obcenos :

Va-t'en trouver la grand' Nana,
Dis que j' la prie,
D' casquer pour moi, j'y rendrai ça
A ma sortie,
Surtout, n'y fais pas d' boniments,
Pendant qu' je m' marre,
Et que j' bois des médicaments,
A Saint-Lazare.

A canção termina, e Ida d'Harcourt solta o estribilho com um gesto licencioso, olhares perversos e perversidade na voz, rematando assim toda a canalhice daquellas estrophes ao mesmo tempo impudicas e tristes :

J' finis ma lettre en t'embrassant,
Adieu, mon homme.
Malgré qu' tu soy' pas caressant,
Ah ! j' t'adore comme
J'adorais l' bon Dieu, chez papa,
Quand j'étais p'tite,
Et qu' j'allais communier à
Saint'-Marguerite.

As palmas rebentaram na galeria, e d'Harcourt agradece atirando beijos. Nunca me esqueço, ao vel-a, que essa creatura, joven, linda e elegante, tem em si todas as paixões, as mais atormentadas e as mais arruinadoras, e logo me vêm á mente as historias tenebrosas que a

respeito correm. De Montmartre, onde vivera na companhia de bohemios, poetas e esthetas, musa androgynæ de Raoul Ponchon e modelo dos pintores decadentes, tendo inspirado uma bacchante a Séon e uma Herodiade a Tavozy, discipula de Bruant, toda impregnada do pessimismo corrosivo das prosas rythmadas de Baudelaire e das *Névroses* de Rollinat, ella emigra um bello dia para o tablado do *Moulin* que é a *olla podrida* de todas as extravagancias cosmopolitas, o mostruario de mascaras maquilhadas e hediondas, cabeças glabras de degeneradas, boccas carminadas de bonecas e lubricas, o refugio de todas as abominações delirantes, das paixões instinctivas, das libidinagens e dos sadismos torpes, o *rendez-vous* obrigatorio dessas almas avariadas, sedentas de luxurias e de venenos mortificantes. Voluptuosa e requintada, complicada e perturbante, fluida como uma figura de Cheret e delicada como uma estatueta de Tanagra afrancezada por Clodion, filha de um pai slavo e de uma mãe egypcia, dona dos olhos mais hallucinantes deste mundo, que parecem os da Mercedes Blasco, uns olhos muito grandes d'agua verde, onde arde uma fébre subtil, inquietante e devoradora, as pupillas dilatadas e enormes, uma bocca sibylina, sangrenta e tentadoramente sensual, nos labios crispados um riso equivoco, ao mesmo tempo perverso e melancholico, contrastando com uma pallidez putrefacta de cadaver, as mãos febris e finas, essa antiga *maîtresse d'eslhèles* evoca

visões intensas, perturbadoras, tenebrosas do amor, da dôr e do vicio, sobretudo do Vicio. Àvida de sensações nunca experimentadas, indo de obsessão em obsessão, de perversão em perversão, histerica larvada e ethéromana incorrigivel, nevrosada errante que em Paris andava sempre á cata do *raro*, do hallucinante e do sordido nos lugares suspeitos, 'nas tascas dos *voyous* e dos *forains*, nos *bas-fonds* parisienses, o sangue envenenado pelo abysintho e pela baixa sensualidade, essa Messalina de Montmartre, como a romana *lassala sed non saliala*, possue de facto todas as taras, todas as vesanias, todas as grotescas vaidades e todas as ulceras secretas desta era de decadencia e de nevrose, e deve soffrer todos esses horrores que martyrisam os damnados de luxurias e de perversões sexuaes.

Ah ! malheur à celui qui laisse la Débauche
Planter son clou de fer sous sa mamelle gauche...

dizia Musset. Ha apenas uma semana, a mais linda bailarina das 6 *Pauls*, uma *girl* com o typo, o brilho e a graça americana, tentou suicidar-se com um frasco de laudano, dizem que por amor, não por amor de um homem, mas por amor della, Ida d'Harcourt, sua unica companheira de pensão e de passeio. Foi no seu leito que a policia encontrou no anno passado o cadaver do deputado estadual W. W., o corpo untado de sandalo, os cabellos, os olhos e a bocca cheirando a ether, numa crispação de nervos que

aterrorisava. Mirette, uma francesinha provocante como as imagens de Rops e agil como uma serpente, um verdadeiro *affiche* de Cheret, traz bem visível a marca da seducção dessa *Madame Phocas*, e é hoje um desses monstrosinhos perversos que vivem aguçando aphrodisiacamente imaginações doentias. Não passa essa bebedora insaciavel de almas virgens, essa damnada de orgias que depravam os sentidos, corrompem a vontade e conduzem fatalmente á morte, essa provocadora de amores ferozes, caricias assassinas e espasmos mortaes, não passa de uma louca, victima dos meios estheticos de Montmartre e do atavismo ethnico. O que é verdade, é que a presença dessa mulher, com todas essas cousas horriveis, alliadas á impressão de seu sexo e de sua belleza infernal, perturba-me profundamente. A sua voz ambigua, bisexual, desperta em meu ser suggestões abominaveis, seu gesto lasso espalha males funestos, seu sorriso feito de todas as depravações como seu olhar turvo, no fundo do qual transluzem os seus desejos exasperados, infunde-me, na alma e no sangue, invenciveis bizarras e indefiniveis mollezas, como num extranho renovo de puberdade, as suas canções deformam minhas visões artisticas e seus esgares depravam meus sonhos sensuaes. Nessa mesma noite, em casa, despertei, horas altas, assaltado por pesadellos tenebrosos que me vinham num tropel de demonios furiosos e ululantes, como num *sabbat*. Atravez de meu cerebro, confusamente, pas-

savam, como sombras negras, terríveis pensamentos e imagens macabras, e, os olhos espantados fixando a tréva, vi que o phantasma de Ida d'Harcourt fugia como uma grande aguia negra, em rondas nocturnas...

Quarta-feira, 12.

No grande salão muito claro, illuminado pela luz do sol que banhava docemente as arvores do parque e pelo brilho vivissimo de dois olhos muito lindos, fez-se a pouco e pouco silencio. Maria Guilmar, um correcto perfil de La Gandara que se tornou classico no nosso meio á força de ser admirado, abriu um livro quasi quadricular, impresso em papel Whittman e enfeixado numa luxuosa encadernação. Numa voz meiga e triste, vai lendo ao acaso e, com apurado gosto, com uma alma de artista e de estheta, bordando finos commentarios á proporção que me revela a musa do poeta venturoso :

Veneza. Nos canaes que a luz do luar prateia
Vão as gondolas como os cysnes, a boiar,
E a voz da serenata è um canto de sereia
A subir, a subir, da quietude do mar.

Na gondola de prata a rainha passeia
Toda de branca como uma camelia ao luar,
E emquanto esplende a luz calma da lua cheia
Fica a gente a sorrir, fica a gente a sonhar.

Como és bella, Veneza, eu bem já te sonhava
Virgem timida e loira, a cabelleira flava,
Irmã casta da lua, alva noiva do mar...

E tu cantas, enquanto a voz da serenata
Sobe e a rainha vae, na gondola de prata,
Toda de branco como uma camelia ao luar.

A poesia é as vezes intima, secreta, eloquente, sobria, cheia de melodias e encantos raros, descreptiva e evocativa, revestida de mysterio e de sonho, muito nobre e muito poderosa, e sobretudo expontanea. O verso é perfeito de tom, as comparações, as metaphoras, as imagens são novas, pessoaes e suggestivas, succedendo-se como vagas todas differentes, reflectindo a luz do instante. O rythmo, que é preciso, e nunca excede a amplitude do alexandrino, traduz sensações novas, reproduz magistralmente o amor da belleza que freme em toda cousa creada, exprime bem as loucas aspirações de sua alma repleta de desejos, duvidas e tristezas, divinisa as emoções familiares e revela a alma das paysagens.

Londres, ao pôr do sol, és um lamento,
Nessa luz fria, amarellada e baça,
Que vem de um céu tristonho, um céu cinzento,
Todo feito de nuvens e fumaça.

Do caes, a olhar-te, eu sinto o pensamento
Que se me foge e vae e o oceano passa.
Céos claros do Brasil, ó firmamento,
Ó nostalgia que a alma me traspassa.

Como tudo de subito entristece
A essa hora escura, quando o rio desce
E a alma da noite sobre as cousas erra...

Se ha um Deus que o mundo fez e o mundo assiste,
Porque fez elle um céu assim tão triste?
Que saudades do céu da minha terra.

Sem duvida, é mister uma alma privilegiada para perceber a sensibilidade das cousas, evocar de uma maneira tão subtil as delicadezas sentimentaes correspondentes, traduzir a apparencia e a realidade das paysagens, sentir as nuances da natureza, suas cores, seus perfumes, seus multiplos aspectos. Todos os versos do poeta são feitos de uma tal substancia, e essa substancia é preciosa, porque é a essencia mesmo da poesia. Aquelles que amam a divina clareza dos poemas de Keats apreciarão certamente a limpidez deste soneto, que bem caracteriza o talento, a emoção, a arte do poeta :

Minh'alma é castellã na clausura de um sonho,
Que olha o mundo e não sabe a immensa dôr que o agita
Num castello de torre e num sitio risonho
Vive e canta feliz como em graça infinita.

Ninguém lhe viu jamais o olhar vago ou tristonho;
Parece, assim, que espera a mystica visita
De um cavalheiro ardente e audaz, mas que supponho
Ha de trazer-lhe a flor de uma illusão maldita.

Mas de onde virá ella? Onde cruza? Em que forte
Legião vive a espalhar a ventura ou a morte?
Ha de surgir da terra? Ha de surgir do mar?

O' castellã que tens o ardor das primaveras,
No castello feudal do meu sonho que esperas?
Porque vives assim a sorrir e a cantar?

O poeta faz-nos ainda sonhar e reflectir, e ás vezes produz o extase. Encarcerado em seu sonho prodigioso, canta, em versos compostos numa lingua colorida e maravilhosamente concisa, as extraordinarias visões que seu pensamento magnifica. Nota-se-lhe um tom de philosophia amarga e de melancolia, essa *morne incuriosilé* de que nos falla Baudelaire. E esse horror de conhecer, esse insano afan 'em penetrar a essencia das cousas, prescrutar o destino do homem sobre a terra e indagar dos segredos do universo, vive em seus pensamentos sublis de poeta, dictando-lhe sentenças graves e pessimistas :

Homem que tens a forma estúpida que eu tenho
E o mesmo coração que estremece e palpita,
Que carregas a dor como infallivel lenho
E achas a vida escura e a existencia infinita.

O estranho sol do bem que te aquece e te excita
Não te cega de luz? Eu te odeio e desdenho.
Homem, que tens o ardor; Homem, que tens o engenho
Porque aluras a sorte estúpida e maldita?

E eu procuro e não vejo um rosto aberto ao riso.
Homem, que é do prazer? Que é da tua alegria?
Que é do sonho que é como a luz do paraíso?

Que é da ventura? Que é do teu goso supremo?
Tu que vives no mal, que vives na agonia,
Num eterno soffrer, num padecer cterno!

A dôr do sentimento, essa especie de culto da dor abstracta é, não ha duvida, o symptoma por excellencia da nossa situação espiritual.

Na garupa febril deste animal possante,
Que me lembra um centauro enraivecido e bruto,
Vejo o mundo passar, veloz e palpitante,
E a voz humana e a voz da natureza escuto.

Perguntam-me : Onde vaes, ó Cavalleiro andante?
Que ardor te leva assim, tão forte e resolutos?...
Buscas acaso a flor de um sonho extravagante?
Que vae contigo? O Bem? O Mal? A Guerra? O Luto?

E eu deixo este animal de tragicos furores,
Que é o Desejo e que tem as azas dos condores
Na corrida veloz que me leva do mundo.

Pouco importa saber onde me atira a sorte,
Corra, embora, febril, para as portas da morte,
Para o profundo céu, para o inferno profundo.

Toda a sua philosophia está neste soneto...
Não se poderá deixar de notar ainda a sensualidade, ás vezes mystica e materialista, desta poesia, um como renascimento dessas religiões puramente carnaes em que a mulher é adorada em todas as singularidades do seu sexo. As mulheres que canta não são aquellas donzellas da ballada goethiana. Não exprimem os seus cantos aquelle sentimento da *Blessed Damozel* que Danti-Gabriel Rossetti celebrou com um culto tão fervoroso. A vida, para o poeta, é um espectáculo, e ella passa diante de seus olhos como um cortejo de mulheres núsas, cada uma dellas depositando sobre sua bocca um beijo calido, ardente, perfumado, sensual, e esta visão concretisa elle em seus versos. O amor é o eterno thema sempre novo, e a mulher, a fonte perenne onde os cantores vão beber a sua inspiração. O poeta,

por isso, tem sobre o mundo uma influencia directa, é elle que suggestiona paixões, e faz germinar em nós o desejo de carnes divinas, é nos seus cantos que os amantes se descobrem, é nas suas obras que o eterno femenino é glorificado. La Rochefoucauld dizia que *« il y a des gens qui n'auraient jamais été amoureux s'ils n'avaient jamais entendu parler d'amour »*.

Este é um carro triumphal, plaustro de rodas de oiro;
Arrasta-o sobre o mundo em furia desabrida
Um estranho animal, que lembra na corrida
A bravura de um leão e os impetos de um touro.

Nada lhe embarga o passo; o abysmo, o sorvedouro,
Tudo calca e subjuga e leva de vencida;
E os homens em tropel cheios de ardor e vida
Vão atraz d'elle como atraz de algum thesouro.

Triumphalmente altiva, o olhar forte, os cabellos
Irradiando como a luz de setestrellos,
No plaustro, uma mulher o mundo fitando;

Na mão esquerda, como um symbolo perfeito,
Leva um lyrio que tem o calice direito,
Na outra, fera e brutal, leva um punhal sangrando...

Lyrico pelo pensamento, por vontade e por educação esthetica, lyrico suave e delicioso, ardente e sensual, com muita sinceridade e sem artificio, dotado de uma natureza de artista forte, variada, rica e de uma intelligencia maravilhosa, sabendo que a poesia está acima dessas pequenas questões de métrica e de fórmula, respeitoso de sua arte que estima sobremaneira, o joven poeta encarna a tradição de sua raça,

o esforço natural, sereno, continuo e de uma admiravel consciencia para uma mais perfeita união do pensamento original e da fórmula perfeita. Numa epocha de traficancias e attentados á arte, e em que geralmente só se glorifica o que não é nobre, é preciso amar-se este poeta extranho, sensual e melancolico — a musa mais elegante que canta sob o lindo céu de nossa terra — dizia-me, ao fechar o pequeno volume com sua voz muito doce e nostalgica, a assáz formosa e culta Maria Guilmar, uma creatura cuja existencia se passa num ambiente de fina intellectualidade, perfumado pelo ardor de uma sensualidade refinadissima, entre flores, musicas suaves e *flirtations*...

Quinta-feira, 20.

Num dos salões do *Cercle Floreaux*, decorado com um luxo discreto e illuminado por um sem numero de lampadas electricas multicores, proximo á banca do *baccarat*, onde se atropelava uma multidão de elegantes e viciados, *cocolles*, *rastas* e *snobs*, um grupo de rapazes commenta a volta de Fontana, antigo habitudo da casa. Alto, forte, loiro, cabeça fina e glabra, cabellos penteados á maneira dos jovens americanos e os bigodes armados em ponta, olhos infantis e azues, sempre muito bem vestido com roupas

de gosto sobrio talhadas á ingleza, um verdadeiro modelo de Pool, com algumas viagens á Europa e muitos contos de réis de rendimento, Fontana tem o ar, o porte e a attitude de um Alcebiades *clubman* seguro de seu successo e consciente de sua importancia. A sua legenda, no emtanto, é feita de ignominias sem conta, torpezas innumeras e perversões ignobeis, e affirmam até, com uma insistencia irritante, que esse mancebo supremamente elegante, tentadoramente sympathico sem ser bello, é um anormal, um aberrado no senso genesico, imperio romano no fim da decadencia, com todos seus vicios e nenhuma das suas escassas virtudes moraes. Fontana é contagioso e, como outr'ora Nero depravava os principes romanos, sua luxuria contamina a sua *enlourage*, tendo até convertido o austero Anselmo de Rezende ao culto de Adonis.

Un seul homme suffit pour pourrir un empire.

O nosso heróe é um homem inactual, sem pensar em Zarathustia, e isto porque, elle parece ter vivido nos tempos immoralistas de Helio-gabalo, Alexandre IV e dos ultimos Valois. Depois de uma longa serie de aventuras extravagantes, licenciosas e indecorosas, parte para Europa a gosar a vida requintada de Paris, Londres e Bruxellas, e agora o seu regresso é festejado com uma *soirée rose*. O meu instincto de homem que vive sempre á procura do raro,

impelliu-me nessa noite a fallar com esse rapaz de maneiras e gestos tão originaes, rico e *dandy*, com singularidades de principe russo arruinado pela baixa luxuria, pelo ether e pelo jogo, accusado de sadismos brutaes e impunes, com a esthesia hysterica do morbido e do tôrpe, e da sua bocca ouvi, tangido por uma perfida insinuação, a defesa de seus vicios : — « Não comprehendendo, dizia-me elle então, com um riso *blaguer* á flor dos labios descorados, enquanto concertava diante de um dos grandes espelhos do vasto salão do hotel a sua gravata de immaculada alvura e verificava a impecavel correcção da sua casaca, sem uma ruga e sem uma nodoa, não comprehendendo como a sociedade actual considera uma torpeza aquillo que era um requinte para os athenienses dos tempos de Pericles, os quaes, como ainda hontem lembrava o supremamente elegante Paulo Barros, que por isso confessa sua admiração, souberam pôr a belleza ao serviço do seculo masculino. Julgo-me um contemporaneo dessa gente e, portanto, procuro realisar no seculo xx todas as paixões e todas as maneiras desses tempos luminosos em que os homens eram mais bellos do que as mulheres. De resto, a sociedade nada tem que ver com as minhas preferencias, os meus gostos e as minhas bizarrías : cada um com seus vicios, seus peccados e seus defeitos. As alcovas são sagradas, disse um poeta : deixem pois a minha na sombra... » Fontana, a creatura que tentava renovar a antiguidade pagã em suas voluptuo-

sidades extremas do amor socratico e reviver o mytho do

Il bello Hermafrodito adolescente,

dizia-me essas cousas muito naturalmente, sem hypocrisia e sem cynismo. Assim fiquei conhecendo esse homem singular, que cultivava seu eu como uma flôr monstruosa e adoravel, uma flôr da Ignominia, e, ao despedir-me, fallei ao meu esperito : na verdade, o homem deve colher sua felicidade onde quer que a encontre : uns vão buscal -a nas virtudes christãs e outros a tomam nos vicios das epocas decadentes : Fontana colheu a sua no torpeza : e deve ter uma bem forte razão para isto...

Sabbado, 29.

Num salão discreto e florido, todo de azul e oiro, durante o *five o'clock-tea*, presentes a ironia scintillante de Paulo Barros, o humorismo de Silva Maia e a musa histerica de Julio Eugenio, e ausentes os *flirts* idiotas, conversamos sobre o immoralismo de Gabriele d'Annunzio, a proposito de uma chronica que propalava os segredos da intima baixeza do maravilhoso artista. O nervoso Julio Eugenio, entre gestos aduncos e phrases subtis, paradoxos coruscando daqui e

dalli, numa frescura incomparavel, profligava com uma impiedade sem nome o grande poeta de *Laus Vitae* accusado de ter commettido verdadeiras rapinas no coração e na casa da mais alta dama da scena italiana. D'Annunzio era então apontado, esquecido o artista excelso, como uma consciencia despudorada e sem escrúpulos, um coração transbordante de maldades e venenos, um espirito perverso, cynico e cruel, que não contente em arrancar a Eleonora Duse todas as suas lagrimas e todas as suas joias, inflinge a sua alma o maior dos supplicios que se podem imaginar. Sua existencia! cheia de requintes, desvarios e caprichos, era comparada « a uma tempestade, que não deixa, por onde passa, nem oiro nas arcas, nem ramos de amendoeiras nas jarras destroçadas, nem fogo na lareira ». Foram lembradas as palavras daquelle poeta florentino que num libello famoso dizia ser o manto de purpura com o qual se envolvia D'Annunzio ao sahir do seu banho no Tyrreno, arrastando sandalias doiradas e espalhando perfumes capitosos, tinto no sangue dos seus amores sacrificados em holocausto aos seus caprichos de menino tragico. A controversia fôra calorosa, coruscante e esfusiante, e Paulo Barros, com aquelle ar victorioso de homem requestrado por todas as rodas intelluctuaes e elegantes, ostentando com um fulgor inedito uma mocidade e um espirito invejaveis, fazia a defesa do poeta do *Il Piacere* com paradoxos brilhantes, ironias crueis e phrases preciosas : « Numa epocha como

a nossa, o artista tem todos os direitos, mesmo os direitos... á torpeza... Longe, muito longe estamos dos tempos em que a Italia condemnava á morte um pintor accusado de ter destruido a propria obra e em que Cellini escapava á toda vindicta porque tecia bellos lavores... A Londres hypocrita e miseravel da rainha Victoria escolhe expressamente Oscar Wilde para expiar os vicios de seus contemporaneos enquanto homens que nada eram menos que *lords* commettian todas as especies de depravações... A arte é sagrada, e o artista um ser privilegiado e intangivel, ainda quando este é um Troppmann... D'Annunzio é o superhomem de sua raça, a ultima metamorphose de uma familia de predestinados e de heróes; sua vida, com todos esse encantador fascínio dos principes da Renascença, deve ser considerada como uma victoria sobre o chãos da nossa era; e sua obra imperecivel, que elle construiu com um affinco portentoso e com soberano orgulho, redime-o de todos os crimes, culpas e peccados... » Os paradoxos de Paulo Barros não conseguiram impressionar a Julio Eugenio, naquella attitudo inquisitorialmente burgueza, sem concessões e sem condescendencias, tão só por se lembrar que a divina Duse soffreu amarguras sem conta pelo grande amor votado ao genial tyrano da belleza. Ao julgar D'Annunzio, tinha a alma miseravel de Max Nordau, a estúpida moral de Tolstoï e o senso de Sarcey, e todos os preconceitos de um homem que não leu Nietzsche. Nesta tarde, as

suas palavras, como punhaes que se cruzam na sombra, eram terriveis : « O lugar de D'Annunzio é, certamente, entre os delinquentes vulgares : o tribunal que muito justamente condemnou Oscar Wilde a dois annos de trabalhos forçados na prisão de Reading por actos puniveis pelo *Criminal Law Amendment Act* firmou para sempre a sabia doutrina que a tropeza é incompativel com a arte e, que, portanto, a ignominia não merece perdão. » Lá vinham novos protestos, cada qual mais vehemente, e foi quando Silva Maia, até então silencioso, deixa escapar esta phrase curiosa : « Não : os crimes de D'Annunzio são delictos puniveis pelo codigo penal emquanto que o acto do auctor do *Retrato de Dorian Gray* foi um caso de esthetica. » A sala exultou : o paradoxo triumphara ainda uma vez da moral burgueza...

Segunda-feira, 8.

Logo pela manhã, quando ainda era metido nos lençoes do meu vasto leito, mal acordado do meu ultimo somno, Silva Maia bate-me á porta, todo escanhoadado e rosado, e, entre exclamações e risadas ruidosas, grita-me : S. Exa. chegou, e espera-nos para almoçar, ás 11, no Mourisco. Para mim, quasi não era uma surpresa a chegada de Heliodoro Augusto, que, após uma longa

ausencia, volta ao Rio querido com suas roupas feitas em Londres, com suas trezentas gravatas de sedas lyonesas e suas quarenta bengalas historicas, uma dellas tendo pertencido a D. João VI e outra ao duque de Morny, com seus cigarros egypcios de iniciaes doiradas, com seu rosto de par da Inglaterra e seu ar de *dandy* sumptuoso, correcto e prodigo, com seus paradoxos atrevidos sobre o amor e suas exentricidades de sybarita, e com uma amante russa, muito rica e muito loira. Apesar de todas as depravações e de todas as prodigalidades, conserva intacta a sua juventude, persistente como o metal dos esterlinos, e cuida do seu espirito, cada vez mais culto e brilhante. Nervosamente e muscularmente aparelhado para a vida, esse filho impenitente da volupia, na arte de amar nunca descurando qualquer effeito de seducção, sabe tirar o maior partido da sua belleza physica e efeminada que lembram a plastica dos jovens de Taormina os quaes os hellenistas allemães comparam aos ephebos gregos. Para conquistar uma mulher, usa de todos os artificios, os mais delicados como os mais grosseiros, e, na comedia do prazer, não ha dia sem um engano, sem uma intriga, sem uma ameaça feroz. Afaga a um tempo varios amores, e de um para outro se passa com uma facilidade extrema, sem o menor remorso. Nunca amou verdadeiramente, nunca teve um vislumbre sequer de uma sincera paixão, nunca possuiu esse rarissimo sentimento que illumina

o turvo céu da existencia humana, o qual, quando se é por elle possuido,

Un desidero de morir se senti...

As mulheres, por isso mesmo, sentem uma attracção irresistivel por esse terrivel mundano, mixto de D. Juan e de Marquez de Sade, temivel, perverso e cynico como um romano dos tempos de Coelius, que procura na pratica amorosa todos os prazeres requintados dos sentidos e todas as satisfações brutaes da carne. O seu ideal femenino, muito complexo e quasi indefinivel, encarnaria talvez uma mulher cheia de seduccões e mysterios, sumptuosidades e extravagancias, rebelde a todas as escravidões do seu sexo e eximida a todos os deveres sociaes. Heliodoro Augusto confessou-me um dia que precisa ser amado *multiformemente*, tendo por ideal, como o poeta de *Prosas Profanas*, que um typo de mulher representasse o femenismo de todos os paizes, fosse a um tempo grega e franceza, hespanhola e allemã, da China e do Japão, e tambem hindú, sem excluir a negra, aquella que Salomão cantou :

Ama-me así, fatal, cosmopolita,
Universal, immensa, unica, sola,
Y todas; misteriosa y erudita,

E eterno incontentado, umas vezes, por tôrpe curiosidade, procura as mulheres que tem uma reputação duvidosa e outras, por uma inex-

plicavel sensualidade, é arrastado a seduzir as mulheres tidas como as mais honestas. No almoço, á mesa, depois de se pôr ao corrente da nossa vida mundana, desde o escandalo do dr. Hortencio de Rezende na Avenida Central com a mulher do deputado Ferraz de Almeida até a ultima *gaffe* do ministro Trunco no baile do Itamaraty, Heliodoro Augusto faz-nos a chronica de seus vinte oito mezes de vida européa, terminando com uma elegia a Paris, a cidade dos amores e dos venenos, a cidade rainha e cortesã. O criado nos traz cigarros e licores, e serve-nos o chá. O fumo, formando ligeiros nimbos azulados, subia no ar colorido pelos raios quasi horisontaes do sol; os vitraes do restaurante reflectiam uma côr pastosa e morna; o aroma do chá misturado com o odor do tabaco produzia um cheiro agradabilissimo. A pequena orchestra do Pavilhão tocava uma valsa lenta de Crémieux. A cidade apparecia tingida de uma côr de ardosia, como uma pay-sagem de Baptista da Costa, sob um céu humido e fresco. O mar, aos nossos pés, nesta clara manhã de agosto, era calmo, e todo azul, mas de um azul hieraldico. Sob a limpidez daquella luz suavissima, todas as cousas, em redor, adquiriam tons opulentos, e o nosso humor era alegre. A conversação tornava-se animada. Heliodoro Augusto lamenta, com commentarios picantes e paradoxos eroticos, não haver no Rio mulheres historicas, mulheres que tivessem sido amantes de reis e imperadores, mesmo

de assassinos e ladrões, comtanto que estes fossem celebres, mulheres que possuissem braços ensanguentados, aventuras perigosas e extranhas, vícios e bizarras inconfessaveis, mulheres como a Marçals que teve um filho com Affonso XII, como a Louise Charles que depois de ter sido a favorita do rei Leopoldo foi amante de Bubu de Montparnasse, mulheres como a princeza Mathilde, a mais rubra flôr do sadismo e do deboche contemporaneo. Ninguem melhor do que elle sabe contar uma historia impudica, uma anedocta escandalosa, uma aventura galante e descrever uma mulher, porque ninguem, em materia de voluptuosidades e luxurias, como elle possui um vocabulario lubrico tão-preciso, colorido e precioso, aquelle vocabulario com que Paulo Barreto descreve as taras, as anomalias e as perversões dos heróes dos seus livros, um vocabulario que exprime a côr, o perfume e a fórmula do objecto evocado, communicando o duplo prazer do espirito e dos sentidos, uma lingua rica de evocação e de um sabor persistente, curioso. Heliodoro possui, na sua riquissima bibliotheca, toda a litteratura pantagruelica e á Casanova, as pornographias, as phantasias escatologicas, as monachologias, os elogios burlescos, os conselhos e os epigrammas de Martiale, as obras raras do Marquez de Sade, os idyllios de Vadé, os cathecismos e os dictionarios de Carrache, emfim, tudo quanto se tem escrito, no correr dos seculos, sobre o sordido, o torpe e o infame.

Falla depois da sua ultima conquista em Roma, uma condessa authentica, a mulher que, dizia elle, possui o ventre mais perfeito deste mundo, um ventre de uma carne feita de petalas de rosa, de leite e de perfume de sandalo, um ventre de marfim polido de uma fórma rara, uma extranha maravilha e uma preciosidade rarissima. Sem escrupulos nem reticencias, com esse cynismo com que os jovens libertinos divulgam os peccados das suas amantes e as singularidades das mulheres alheias, Heliodoro Augusto, grande conhecedor do nú, descreve minuciosamente o ventre da condessa napolitana com a precisão plastica de um Flaubert e com o erotismo de um D'Annunzio. A luxuria, feia e feroz, apparecia nelle, então, sem nenhum disfarce, e, á conversação, surgiam todos os horrores da libertinagem moderna, as scenas degradantes dos lupanares, as intrigas das casas elegantes e os mysterios das alcovas secretas das grandes cidades do vicio. A palestra desses dois jovens elegantes, libertinos e esthetas, despertando sensualidades latinas, era bem a linguagem dos principes romanos que se sentavam á mesa de Caius Petronio. Heliodoro afinal, despede-se, dizendo-nos necessitar de alguns dias de repouso para, antes de recommençar a sua vida mundana, estabelecer o plano da sua conducta futura.

Quarta-feira, 17.

Depois de ter admirado Feraudy e Brandés, os dous grandes artistas da Comedia Franceza que nos deslumbraram com a sua impecavel maneira de interpretação, vamos ter agora a rara fortuna de conhecer, sentir e applaudir, não só o theatro classico, só comparavel em belleza e em originalidade ao theatro classico grego, como tambem a moderna dramaturgia hespanhola, esta e aquelle interpretados por dous artistas insignes. Os esposos Guerrero-Mendoza, que dentro de poucos dias estrearão no theatro Lyrico, com *La dama boba*, de Lope de Vega, são, neste momento, as duas maiores figuras do theatro hespanhol, e Pariz e Londres, acclamando-os com entusiasmo, confirmaram a gloria delles, legitima e sobremaneira radiante. Maria Guerrero é uma artista muito formosa, rara e bella figura de mulher, dotada de um talento de interpretação admiravel, soberba de verdade, de tom e de *allure*, com uma força tragica extranha e subtil, uma creadora de emoções e attitudes. Encarnando a alma d'antanho das heroínas de Lope de Vega, Calderon, Alarcon, Tirso de Molina, commove, seduz, apaixona e arrasta o espectador até a maxima intensidade da emoção esthetica e ás vezes produz o extase, e, representando os personagens de Iglesias, Benevente, Echegaray,

Dicenta, Linares Rivas, Rusenol ou Guimerá, é tão complexa, tão subtil, tão cheia de nuances sentimentaes, tão admiravel quanto Réjanc ou Brandés. Embaixatriz da graça, da belleza e da fidalguia castelhana, Guerrero é incontestavelmente uma artista perfeita, original e, pertence a essa rara familia de artistas que têm coração e nervos vibrantes e afinados, exacerbados por uma febre indefinivel e invisivel—o mal incuravel de Izolda. Sabe ser, na vida e na ficção, felina e feminina como as atrizes do seculo XVIII francez, cujas figuras, evocadas pela prosa fulgurante dos Goncourts, deviam servir de modelo áquellas que querem ser ao mesmo tempo humanas e divinas. Dessa Duse joven podemos dizer que ella possui a faculdade de alliar, numa flagrante harmonia, á inspiração tragica o sentimento do gesto e o dom da belleza. Cada um de seus papeis é uma criação, e cada uma das suas criações um triumpho, mas entre todos os seus triumphos, o maior delles, é o ter logrado fazer de Diaz de Mendoza um admiravel artista. Verdadeira vocação artistica e homem de real talento, com uma vasta cultura litteraria e um ardente enthusiasmo pela tradição de sua raça, fidalgo de uma das mais antigas casas de Hespanha, D. Fernando Diaz de Mendoza desde muito cedo sentio-se fascinado pelo theatro e á scena entrega-se de corpo e alma, casando-se tempos depois com D. Maria Guerrero, hoje Condessa de Balazote y de Lalain e Marqueza de Fontanar, duas vezes

grande dama de Hespanha. « Hidalgo entusiasta del arte, y que, signo de su tiempo, lo es altivamente y galhardamente, sobre preocupaciones de linaje, siguiendo una vocacion imperiosa y pudiendo agregar á sus armas de Conde de Bazalote las dós máscaras », diz um eminente escriptor. Por causa da luxuosissima *mise en scène* do *Cyrano de Bergerac*, que lhe custou 250 mil pesetas, ia compromettendo a sua fortuna pessoal. mas teve uma compensação : o seu triumpho artistico na interpretação do heróe de Rostand, papel que elle sentio tão intensamente, tão perfeitamente, tão genialmente que só parecia ter sido para elle creado, feito sob medida, não sendo outra cousa, aliás, a comedia heroica de Edmond Rostand que uma obra de capa e espada, e da *mejor cepa* hespanhola. O exito fôra absoluto, e criticos autorizados, presentes á *premiere* do *Cyrano-Balazote* e depois de terem applaudido *Cyrano-Coquelin*, affirmaram que « Diaz de Mendoza ha creado bravamente, muy bravamente, su papel : y como le dice en una carta cierto linajudo Marqués, al artista grande de Espana : si hasta ahora fuiste el cómico de los senores, desde ayer eres el senor de los comicos »—e Maria Guerrero « ha sido una Roxana que no han tenido los Parizienses, encantadoramente caracterizada, una « preciosa » preciosissima ».

..... Cyrano Balazote

Siente que es lengua suya la lengua del Quijote.

Y la nariz heroica del gascón se diria

Que husmea los dorados vinos de Andalucia.
Y la espada francesa, por él desenvainada,
Brilla bien en la tierra de la capa y la espada.
Bienvenido Cyrano de Bergerac ! Castilla
Te da su idioma, y tu alma como tu espada brilla
Al sol que allá en tus tiempos no se ocultó en España.
Tu nariz y penacho no están en tierra extraña
Pues vienes á la tierra de la caballeria.
E se el noble huésped de Calderon. Maria
Roxana te demuestra que lucha la fragancia
De las rosas de Espana con las rosas de Francia,
Y sus supremas gracias, y sus sonrisas unicas,
Y sus miradas, astros que visten negras tunicas,
Y la lira que vibra en su lengua sonora
Te dan una Roxana de España encantadora...

disse a musa heroica do maravilhoso Ruben Dario, saudando, em versos puros luminosos, *Cyrano-Balazote*... Não ha duvida : as representações de Maria Guerrero e Fernando Diaz de Mendoza constituirão um verdadeiro acontecimento litterario, e o nosso publico, ainda com a optima impressão de arte que lhe deixaram De Féraudy e Marthe Brandés, deve receber com todas as honras, que lhes são devidas, esses dous grandes da mais pura nobreza e da mais nobre arte de Hespanha.

Segunda-feira, 29.

Depois que Sydonia partiu, estou perigosamente enfermo, embora o não seja de paixões perversas e, parece-me, acertei vindo repousar neste retiro delicioso nesta terra da luz, do sonho, do

perfume e dos amores. O verão aqui é suave como uma carícia de plumulas, e nada ha como esta tranquillidade para formar o quadro da vida, consolar os espiritos abatidos e angustiados, animar os corações doentes. Tudo é um abandono preguiçoso, mansidão longa e imperturbavel, serenidade quasi olympica. O murmurio dos regatos floridos, o chilrear dos passaros nas folhagens de um verde gayo intenso e o sussurro mavioso do vento contribuem ainda mais para esta voluptuosa sensação do silencio. A paysagem está mergulhada numa longa scisma, funda, calma e consoladora, e mais profunda se torna a inquebrantavel immobilidade das cousas. No enervamento da Natureza somnolenta, os meus sentidos attingem, como em certos periodos da embriaguez, o maximo da agudez, e os meus nervos exacerbados, torturados por uma febre exquisita, são presos de caricias de uma suavidade tal que sou obrigado a acceitar a conhecida aberração daquelle poeta que dizia haver sitios no mundo tão cheios de encanto sensual que só era possível amal-os com prazer physico. Na exaggeração do objectivismo, esqueço a propria existencia, abduco insensivelmente da minha individualidade, seggrego-me do meu *eu* para diluir-me no mundo exterior. E procuro exilar-me de toda a actualidade perceptivel. Os dias aqui são de alegria sem mescla. A alma sente-se presa ao contentamento de viver e toda attenta ao goso do momento esquecida do passado

e sem cuidados do presente, nesse olvido residindo grande parte da felicidade. Não chega a este recanto 'privilegiado da terra o éco das dores humanas; é bem difficil encontrar aqui um signal de soffrimento; sobre a cidade serrana não paira a menor angustia de terror : tudo é vida facil, risonha, amavel. De certo, sou o unico a soffrer no meio de todo este concerto de alegrias e de toda a calma desta auzencia de bulicio humano, e a propria Natureza como se insurge, conspirada, contra o meu tédio. Desterrado e triste, sinto no coração, relado de indivisivel anciedade, uma saudade immensa que se nunca extingue e que me tortura cruelmente. Lembro-a, e a lembrança della dilacera-me o peito, e vejo-a bella, mais que bella, bonita, peor que linda, seductora. O tempo custará apagar dos meus nervos a recordação do corpo ardente desta mulher singular que sempre me apparece, em sonho, na sua nudeza espumante, multiplicando-se por lascivas theorias de ondinas e florindo em hortensias venenosas, como uma sombra luminosa e tentadora do peccado. Foram cheios de riscos, perigos e mysterios os nossos amores. A luz resplandecente do sol não illuminou jamais o peccaminoso sorriso de sua bocca sensual, vermelha e pequenina, pura na fórmula e ardente na côr, e os beijos que deposei na rosa sangrenta de seus labios foram sempre gerados na sombra enferma de sua alcova perfumada. Em nossos prolongados deliquos

carnaes, havia algo de refinadamente perverso, porque sabíamos que outros soffriam enquanto gosavamos as delicias de um amor inexplicavel, extravagante, absurdo, uma dessas paixões que penetram a alma insensivelmente como na carne morta entra a faca ervada, deixando para todo o sempre o organismo corrompido, e isto força é confessar, multiplicava até o infinito as nossas sensações. Raras, complicadas, extranhas, eram as nossas caricias, as nossas noites licenciosamente encantadoras, na taça esverdeada da nossa felicidade tendo bebida com soffreguidão todos os prazeres imaginaveis. Saboreavamos com uma sciencia especial o gosto amargo dos carinhos, dos beijos e dos espasmos. O nosso, já se vê, não foi esse amor mystico que Petrarca immortalisou em versos luminosos : era o demonio da luxuria, com garras e dentes... No areial dos meus dias aridos, ella foi como uma flôr cheia de viço e perfume, uma sombra consoladora, um grande parenthesis de amor. Hoje, que atravessei incolume, triumphalmente, a *selva oscura* dos desejos deixando, porem, entre as urzes que povoam o longo caminho percorrido, illusões mortificantes, procuro mergulhar e ficar nessa doce passividade que adormece as almas depois das violentas tempestades. Não ouzem, pois, perturbar este repouso.

Prends garde. Si tu veux parler à ma tristesse
Ne lui demande pas le secret de ses pleurs,

Ni pourquoi son regard se détourne et s'abaisse
Et se fixe longtemps sur le pavé sans fleurs.

Pour distraire son mal, sa peine et son silence,
N'évoque de l'oubli taciturne et glacé
Nul fantôme d'amour, d'orgueil ou d'espérance
Dont le visage obscur soit l'ombre du passé.

Parle-lui du soleil, des arbres, des fontaines,
De la mer lumineuse et du bois ténébreux
D'où monte dans le ciel la lune souterraine,
Et de tout ce qu'on voit quand on ouvre les yeux

Dis-lui que le printemps porte toujours des roses,
En lui prenant les mains doucement, et tout bas,
Car la forme, l'odeur et la beauté des choses
Sont le seul souvenir dont on ne souffre pas.

Assim, já que não posso repousar meu corpo
fatigado em seu seio adorado, envolto em seus
setinosos e negros cabellos, aspirando o ine-
briante perfume que da sua carne sobe ás
estrellas e sonhando ao som das suas cantigas
dolentes, deixem-me no silencio desta doce
frescura de sombra — sem um desejo, sem um
pensamento e sem um sonho. Ella partiu, e, ao
partir, derramou dentro em meu peito todo o
subtil veneno de seu amor insano.

Sabbado, 3.

De volta de Buenos Aires, Joaquim Vianna
convida-me para jantar, com a condição unica
de não fallar de sua viagem á Argentina,

patria dos «criolos, tilingos, loucos lindos, fanfarrões, mata-mouros, esgrimistas eximios do cutelo, marechaes do trabuco e da faca, taes, como Quiroga, Chaco, Moreira, Quénquén e Mataco, e que tem uma capital que é uma copia com borrões de Pariz e Bruxellas, com os mesmos vicios e sem as escassas virtudes dessas duas cidades », como [informa Felix Basterra. Joaquim Vianna, que é um typo de jornalista á moderna e um politico á antiga, trazendo sempre no cerebro mil idéas e nos bolsos uma bibliotheca, fumando vinte cigarros numa hora e lendo duzentas paginas num dia, nervoso e paradoxal, catholico e nacionalista intransigente, gesticula, palpita, grita, move-se e commove, ora com seus projectos de regeneração politica e suas vastas empresas jornalistas, ora com suas anedoctas humoristicas, as suas maldades e as suas terriveis objurgações. Quando falla, com sua voz que parece ter todos os registros, quando conta uma aventura á Casanova, quando discute acontecimentos litterarios, uma especie de fébre anima seu resto e em suas pupillas reacendem os mais ardentes fôgos. A sua conversação é um desenrolar de paradoxos graciosos, petulantes e crueis, uma sarabanda de piadas, diatribes e petições de principio, um nunca acabar de ironias que deleitam. Sem escrupulos e ás vezes cruelmente, ataca a Comte, a Nietzche, a Stirner, a Kropotkine para defender Deus, a immortalidade da alma, as encyclicas de

Leão XIII, o cardeal Arcoverde e a sua celebre theoria da acção, perigosa e machiavelica, que não é preciso confundir com o arrivismo, essa quasi loucura moral indefinida a que se entregam publicistas, politicos, homens de letras e homens de negocios, procurando, por todos os meios, febrilmente, conquistar o mundo, ser grande homem ou grande capitalista. Em regra, o *arrivista* é uma creatura lastimavel, sem personalidade, sem independencia moral, dessas que vêm á vida para adherir, para ter um *alter ego*, para estar ligado a alguem como um zero que procura uma unidade para ter valor. Mediocre pela intelligencia e pelo coração—é nada mais que que um ser passivo e que, portanto, não entra na obra humana senão como materia prima. Os artistas do grande drama, os constructores do edificio, os que fazem, em summa, a historia—são outros, são como entes de outra especie. Mas póde-se imaginar que historia devem fazer esses creadores com taes elementos!... No entanto, vêde o *typo* como elle se vos apresenta. Realmente—é um nullo. Pelo conspecto, pela compostura, pela pompa decorativa, pelos gestos solemnes e principalmente pelos grandes recursos de que se vale — parece um homem normal pelo menos, e isto quando não tem as apparencias de um heróe. E' solemne, é ligeiro, é habil, é futil, é tartufo,—é tudo que é preciso ser para *arriver*, chegar ao fim. E' á medida que do fim se approxima, as qualidades *excellentes*, que o exornam e que lhe

garantem a victoria, vão se accentuando. O seu pensamento é um só, e nada perturba na firmeza com que avança sempre. Atravez de todos os obstaculos, vencendo todas as vicissitudes, eliminando todos os embaraços ou desviando os impossiveis—elle vae sempre e seguro. Procura a consciencia naquelle typo, inquiri aquella alma fechada, batei naquelle peito empedernido : só uma voz ouvireis — a voz da besta que caminha direito, sem olhar para os lados. Bem se póde imaginar o que fica de semelhante creatura no mundo ! E homens de tal ordem são os que dominam, os que dão leis á sociedade e escrevem a historia. Em todas as posições, os encontrareis : na politica, no functionalismo, na litteratura, na propria sciencia official. O principio supremo de todos é o que deve leval-os á victoria : *o fim justifica os meios*. Pouco importa que os meios não sejam legitimos ou sejam torpes : a victoria os sancionará. Homem intelligente, superiormente culto, dotado de um grande poder de assimilação e de uma linguagem colorida, Joaquim Vianna é o politico da nossa geração, como Maurice Barrès, com quem aliás tem algumas affinidades de temperamento, é o politico da geração de Maeterlinck, Regnier, Gourmont, Pierre Louis e Moréas. O jantar foi um mero pretexto para Joaquim Vianna saber de muitas cousas que se passaram na sua ausencia, e que lhe interessavam. E, por fim, inquirido a proposito da minha abjuração politica que tanto rumor e colera

provocou no seio dos radicaes, socialistas e libertarios, respondendo-lhe quasi que com estas mesmas palavras : O anarchismo é uma attitude absurda. Foi o meu profundo sentimento do bello, o meu culto apaixonado pela arte, a minha intransigente admiração por todas as fórmulas da grandeza e o meu conceito individualista da historia, que me levaram a renunciar meu passado politico. O anarchismo, como idéa, é uma expressão philosophica sahida do christianismo—o maior flagello da humanidade—e, como facto, é o maior obstaculo á floração da intellectualidade, da belleza e da arte : é uma doutrina de decadencia. Hoje, não vacillo em affirmar, que o anarchismo é um acervo de falsas idéas philosophicas e moraes, é a negação da realidade tangivel e superior, é a agglomeração de todos os instinctos morbidos, é um principio de dissolução da personalidade humana. Na sua ancia desesperada de melhorar o mundo, toma partido por tudo que é falso, mesquinho, vil e plebeu, enaltecendo o sentimento de abnegação de si proprio e o principio nocivo da piedade, nutrindo um odio desesperado aos creadores de valores e um rancor de damnados contra as leis supremas da Vida. Não ignoro o lado verdadeiramente tragico da existencia dos pobres nem approvo a iniquidade sem nome que é o regimen imperante, mas não vai a minha sympathia pelo soffrimento desses desgraçados ao ponto de, negando a historia do passado e as leis da natureza humana, des-

conhecer que o mundo pertence ao individuo na medida em que este pode se fazer delle senhor. Ha mister que uma transformação radical se produza em nosso regimen social, para que de novo as fontes da Vida corram e venham purificar nossa falsa existencia, cheia de miserias e decepções, mas essa transformação será obra de uma aristocracia esclarecida, prudente e creadora que tenha seus decretos respeitados por um povo que saiba obedecer. O mundo, tanto nos seculos civilisados como nas epochas de pura barbaria, é a representação da sensibilidade, do pensamento e da vontade do grande homem; a vida, a mais cara nobreza da terra, é o dom magnifico daquelles que podem prometter; o individuo é a medida de todas as cousas, de todos os valores e de todos os progressos realizados; e, por fim, a civilisação é tranquilla, producto da soberania dos fortes e da disciplina daquelles que nasceram para obedecer aos que vieram para crear. Joaquim Vianna não se mostra scandalisado, approva-me até, achando verdadeiro que viver é mudar e que o homem que nunca muda de idéas é uma creatura absurda. « Defensor da Belleza ensina-me o mestre imparavel : é este o meu officio. Hoje os mortaes já não tributam honra e reverencia aos cantores, discipulos da Musa que lhes é predilecta, como dizia Odisseu, mas pouco importa, defende-la-ei com todas as armas e até com zombarias, se melhor nos servem do que as invectivas, contra aquelles

que pretendem pôr em todas as almas uma marca identica, como sobre um utensilio, e fazer as cabeças humanas todas eguaes como cabeças de cravo sob a repercursão do martello, demonstrando que as palavras dos chefes da « besta humana » não são menos baixas que os arrotos com que os vilões expellem o vento do seu estomago cheio de legumes, e que as suas mãos, ás quaes Dante daria o mesmo epitheto que deu as unhas de Taid, são aptas para limpar os estabulos, mas não dignas de se levantarem para sancionar uma lei na assemblea; defendel-a-ei contra a raiva dos escravos borrachos, porque chegará um dia em que intentarão queimar as bibliothecas, incendiar os museus, quebrar as estatuas publicas». Defender a Belleza ameaçada com a insurreição dos barbaros—é este meu nobre officio.

Terça-feira, 14.

O mestre muito amado me promettera, para delicia de meu espirito, uma hora encantadora na sua bella residencia em Petropolis, onde curava então minha neurasthenia. O ambiente era impregnado de suaves perfumes, e quando uma leve brisa de verão soprava entre as arvores do jardim, entrava pelas vastas janellas abertas para um lindo céu puramente azul, em cujo

fundo sereno se desenhava tão nitidamente a accidentação das montanhas proximas, um odor subtil de lilazes, magnolias e jasmins. A paysagem, calma e luminosa, era digna dessa morada olympica onde reinavam a doce paz espiritual das cousas sagradas pela divindade do entendimento, a visão de incomparaveis firmamentos, magicas auroras e poentes prodigiosos de uma natureza magnifica e a contemplação de marmores divinos de belleza e bronzes orgulhosos de eternidade. Toda a tarde conversámos no seu gabinete de estudo, um pequeno salão de estylo grego, guarnecido de nobres tapeçarias e ricos moveis, povoado de obras d'arte, estatuas e quadros, tendo no fundo, dominando toda a sala, um admiravel busto de Frederico Nietzsche e um pouco mais longe uma soberba copia da *Gioconda* de Da Vinci. Attento, maravilhado como em presença de um prodigio, fiquei a escutar durante algumas horas o philosopho insigne que, grave e ardente, solemne qual um visionario, exprimia com palavras puras idéas luminosas. Fallou da esthetica da vida e do sentimento tragico, tratou de Goethe e da cultura moderna, fez a apologia de Shelley e recitou versos de Alberto de Oliveira, narrou suas peregrinações estheticas á Roma, á Florença e á Veneza, á Londres e á Paris, em summa, tratou da vida e do mundo, com uma tal intensidade de emoção que a sua palavra embebedava como um perfume oriental e ás vezes produzia o extase. Referindo-se a seu livro

futuro, uma obra grandemente concebida e com profunda serenidade planejada, e que elle realisar para maior gloria de seu nome já illustre e maior orgulho da raça a que pertencemos, mostrou ainda uma vez que a arte, que para elle sempre fora uma preocupação muito grave,  a grande regeneradora da Vida,  a suprema redempção, e lembra aquella pagina celebre em que justificou os fundamentos da sua esthetica : «A arte  a libertação, e pelo seu livre e magnifico surto, o homem se torna um companheiro das estrellas, e a essencia da arte está nos sentimentos vagos que derivados dos contactos sensiveis—das frmas, das côres, dos sabores e dos tactos—conduzem  indeterminação,  fusão dos seres no supremo sentimento do infinito... Deante deste conceito, tão profundamente esthetico são os poemas cyclicos, religiosos e humanos, a epopa de Dante, o D. Quixote, a Tentao de Santo Antonio, os romances de Dickens e Balzac, como os poemas pantheistas de Shelley, as allucinaes de Pe, o Per Gynt, os poemas de Verlaine e as anotaes de Mallarmé... Os conflictos da moral, os problemas da intelligencia so nos interessam quando cream a emoo esthetica. O proprio destino humano quasi nos deixa indifferente seno für a fonte benefica do prazer esthetico, que  a razão profunda da manifestao espectacular do Universo. Nietzsche insurge-se quando Aristoteles julga achar como emoes fundamentaes da tra-

gedia, o terror e a piedade, emoções deprimentes, clama Nietzsche, e numa explosão dionisiaca evoca as outras emoções de alegria, da embriaguez e vida, da vontade de viver, e todas essas fontes de poesia que animam os homens e que Goethe chamou poesia de Tirteo em opposição á poesia de lazareto dos poetas mofinos. Estes tres homens illuminados sacrificaram extranhamente ao preconceito ethico na indagação da essencia esthetica da tragedia, e ainda assim Goethe insistio menos que os outros, porque era o mais livre... De toda obra d'arte, o que fica não são os problemas, mas sim o que ha nelles de vida, a milagrosa representação da vida, que é a sua profunda esthetica. É preciso recordar que não é a sociedade, não são as questões humanas, nem tampouco as enfermidades, nem ainda as palavras ou o proprio Universo, que por uma impressão positiva e fragmentaria, dão a sensação esthetica. Esta pode resultar desses mesmos assumptos se o artista extrahir delles e communicar aquelles sentimentos vagos, indefinidos, que constituem a essencia da Arte e nos dão a emoção do Infinito, que está em cada homem, porque o facto supremo do espirito humano, é o sentimento da unidade infinita do Universo. A Arte é a representação. É o espelho divino da Vida. Nas tragedias de Ibsen, por exemplo, a arte pode ser uma evocação do passado, evocação do desejo do sonho. Ainda assim ella fica fiel a si mesma, é a representação do quadro

objectivo do mundo, e da subjectividade do espirito humano. E tal é a força de vida desses dramas que uma vez em acção elles fazem nascer o prodigio de uma mysteriosa communhão esthetica. É o instante sagrado em que o autor se dissolveu na alma dos varios seres de sua criação, em que o interprete vive numa tremenda realidade uma existencia de outrem e o espectador vê passar deante de si todo um mundo que se desenrola numa vitalidade indomavel dentro do espaço finito, arrastado impiedosamente pelo tempo subtil, violento... » A proposito de Guglielmo Ferrero, cuja obra sobre a *Grandeza e Decadenza di Roma* eu commentara dias antes, communicamos-nos modos de ver em historia... « A belleza do teu estudo sobre Ferrero, dizia-me elle, expandiu-se no silencio maravilhoso que ha cinco dias cerca o meu espirito. A primeira impressão foi excellente, mas colhida na agitação, era fatalmente tumultuaria. A de hoje é serena e perfeita. O teu ensaio é muito alto e muito profundo. É a interpretação genial da psychologia da historia e do historiador. A historia é um aspecto da arte e só esta pelas suas forças mysteriosas e creadoras pode resuscitar o passado. Estou de accordo contigo neste ponto capital. A historia da idade media ingleza, ou melhor do periodo das Duas Rosas, é mais viva e verdadeira em Shakespeare que em qualquer outro historiador. Compreendo melhor e sinto mais a Grecia, com seus mysterios philosophicos, sua religião,

sua vida, nas tragedias de Eschylo ou Sophocles que nos grandes escritores da historia. É o toque divino do Artista. O que dá valor á historia narrada por Ferrero é a *dramatisação* dos successos, é a *representação* artistica dos homens e dos acontecimentos. Sente-se em tudo aquillo uma ligação intrincada, viva, movendo-se, como impellida pelo *fatum*, a que deuses e homens se tem de curvar, vencidos, esmagados. É o drama. É o artista. E a isto eu juntaria o *critico*, o commentador do drama, o interprete da fatalidade, o « *metteur en scène* » resignado a obedecer ás combinações do Destino. São as impressões do teu bello, livre, e nobre vôo nas altas e solitarias regiões do Passado... »

Um minuto longo passou, durante o qual eu, a alma seduzida e arrebatada, contemplava, ora uma reproducção do *Sabbat* de Goya, ora uma photographia de Eleonora Duse que retratava aquella mesma physionomia dolorosa illuminada por uma belleza espiritual com que nos appareceu na *Gioconda* de d'Annunzio, e o mestre, depois de fallar de todas estas cousas olha-me carinhosamente e, lembrando-se que eu alli estava para fugir ao meu tédio, diz-me : « Tu passas um pessimo quarto de hora. E como me entristece ver nesta situação um espirito como o teu, uma das raras organizações nervosas que, disciplinada, seria maravilhoso producteur de arte e de pensamento. Quizera ver-te sereno. Como? Talvez transformando toda essa immensa força de desejo em força de comprehensão,

Seria uma troca de valores. Nós somos sempre acasos, incidentes das infinitas combinações das formas em que o Universo se manifesta, se produz para nos dar a illusão da multiplicidade. Não sejamos o engodo da nossa propria Consciencia que é a reveladora da inconsciencia fundamental e essencial. Em ti a miragem da Consciencia é muito poderosa e ella inspira a dominação do não—Eu a teu aneado Eu (Fallemos—a metaphisica de Fichte). Tu és o poeta do Desejo. Sê, meu querido, amigo, o poeta da Intelligencia. Faz-te *Um* com a Natureza. E ahí tens meu segredo. E agora applica-te á cultura goethiana, já que vaes fundar um Goethe-Club. Tens a nostalgia do dominio? *No principio era a Acção...* » Deixo o mestre, cuja existencia parece dizer que a mocidade se pode conservar eterna, trazendo este conselho que é um grande consolo para quem, como eu, começava a descer o valle das descrenças e que resume toda a intima tragedia do meu espirito, neste angustioso momento de minha misera existencia.

Quinta-feira, 7.

Toda a semana que hoje finda passei lendo Goethe : o mestre de Weimar é uma purificação. Goethe ensina-me, entre outras cousas, que ha mister domar os impulsos da primeira juventude,

vencer os desejos demasiados violentos, ás vezes crueis e insensatos, conter o vibrar confuso das sensações, affirmar a soberania interior para traçar com mão segura aquella conducta de vida da qual nasce a soberana belleza. Torna-me lucida a consciencia da vida, illumina-me o espirito de uma luz nova, suave e consoladora, reaccende no coração a chamma da esperanza, infunde-me a força, a bondade e a contemplação, restaura o meu ser moral despedaçado pela tyrannia do desejo. Sinto-me agora um pouco mais calmo, raciocino melhor sobre o meu infortunio, readquiro, momentaneamente embora, o equilibrio das minhas faculdades affectivas. O coração parece-me alliviado como depois de um grande choro aberto; a alma purifica-se, e é mais tranquilla, sem alaridos e sem cançãos; e o espirito, livre enfim, obedece ás suas proprias leis. No meu ser entrou, sem duvida, secretamente, o principio da verdadeira vida, e já lhe sinto a sua acção benefica : é que a intelligencia vai por fim triumphando do instincto. Nunca como neste momento, depois de ter sentido a belleza, a sabedoria, a visão desse grande espirito, a minha consciencia foi mais serena. Ao meditar suas sentenças, ao prescrutar a essencia intima de seus conceitos, ao analysar seus luminosos commentarios sobre o mundo, a sabedoria e a vida, comprehendí então que o pensamento, a consciencia e a vontade não resumem a Vida, são méras particulas, inconscientes e expon-

taneas do grande Todo e que, portanto, existia em mim, como no fundo de todo homem, occulta e latente, uma cousa mais profunda e mais potente, a substancia do meu proprio ser—*o meu eu transcendental*. Após uma como longa agonia, renasço pouco a pouco, sinto-me um novo homem, com um outro corpo e um outro espirito, começo a readquirir o sentimento da minha individualidade, perdida, subjugada, devorada por uma febre terrivel, sombria, aniquiladora, louca, que fazia desabrochar nos obscuros abysmos do meu ser todos os germens das abjecções humanas. O passado, com todas as suas crueldades e com todas as suas illusões, com os seus presentimentos obscuros e os seus sonhos perturbadores, distancia-se, sem perspectiva, na minha memoria. Os tumultos e os desenganos, aquellas alternativas de coragem e de quebranto, aquellos desesperos suffocados e aquellas luctas vãs, todas as misérias daquelle tempo, todas as exasperações do meu desejo e os vestigios todos da minha paixão insana, todos esses elementos turbidos que constituíam a minha existencia intima, extinguiram-se, ficaram para traz, perdidos e dispersos, como a poeira dos caminhos. Sydonia mesmo, que era toda a minha ventura, toda a minha alegria e toda a minha gloria, apparece-me muito longe, estrangeira, esquecida, morta para sempre. O seu amor foi um ideal impuro que envenenou a minha intelligencia, contaminou as minhas illusões, corrompeu a minha

juventude. O que ella me inspirou foi uma simples admiração material da belleza que nasce com o desejo e morre com a saciedade, foi uma paixão dolente, sanguinea, physica, tal como concebem as creaturas inferiores, foi o amor escravo das contingencias da carne que

Succombent dans le soir au péché de l'amour.

Faço, pois, um grande acto de renuncia de todas essas cousas, que me apparecem vistas pela minha natureza resenerada e redimida, na sua verdadeira e inteira significação, como manifestações grosseiras de toda creatura imperfeita. Todo inteiro possuido por Sydonia, tendo perdido, no tumulto das minhas inclinações malsanas, a vontade de poder, toda a moralidade e a propria dignidade interior, apenas com o senso esthetico que, sempre activo, me mantinha o espirito num certo equilibrio, volto á unidade das forças, dos sentimentos e das aspirações ideaes. A ultima hora soou; o idolo das recordações do amor passado abateu-se; nada ficará de pé sobre as ruinas dessa paixão cruel, insensata, insana. E então, como tinha podido minha sensibilidade enfraquecer, dissolver-se, perverter-se na baixa sensualidade?... Afinal, regresso á Vida,

..... Je reviens à vous sur toute chose,
Je vous revois, je vous reprends, je me repose,
Comme un promeneur las qui trouve sa maison.

Nesta sagrada embriaguez, tão pura e tão benéfica, nesta espécie de tranquillidade olympica, nesta ebriedade radiosa e ineffável, placido como um deus, supponho possuir o Infinito. As palavras do mestre, ouvidas no parque, sob arvores floridas, num dia de torturas indivisíveis para meu coração, quasi esquecidas, voltam-me á memoria, como um canto de victoria : *a felicidade está na sabedoria gæthiana, entre um fino epicurismo e o culto profundo da arte*. D'agora em diante, procurarei tornar-me perfeito pelo culto exclusivo da Belleza, que é a mais cara nobreza, o primeiro, o maior dos bens terrenos, a verdadeira saude, a inexgotável fonte de alegrias puras donde se dessementam os nobres pensamentos e onde a carne adquire a força creadora, o unico alimento que transforma o homem num deus. Na verdade, a Arte é a suprema redempção.

Rio-Petropolis, 190...

Typ. H. GARNIER, Paris (GOUNOUILHOU)

This book should be returned to
the Library on or before the last date
stamped below.

A fine of five cents a day is incurred
by retaining it beyond the specified
time.

Please return promptly.

FEB 04 1985

123 6891

CANCELLED

SAL 9151.90.110

Five o'clock

Widener Library

004830376



3 2044 080 676 117

HD

